

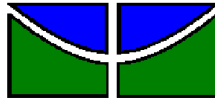


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO BRASIL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

LUCIANA RODRIGUES PEREIRA

BRASÍLIA, JULHO DE 2011.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO BRASIL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

LUCIANA RODRIGUES PEREIRA

BRASÍLIA, JULHO DE 2011.

LUCIANA RODRIGUES PEREIRA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO BRASIL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Ms. Tadeu Queiroz Maia

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, julho de 2011.

LUCIANA RODRIGUES PEREIRA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO BRASIL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Ms. Tadeu Queiroz Maia
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, 22 de julho de 2011.

HOMENAGEM

A minha mãe que ao longo dessa caminhada sempre me apoiou, ensinando a arte de amar e respeitar o outro.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus fiel, que me permitiu chegar até a conclusão deste trabalho, pois só ele sabe o quanto foi difícil ingressar na UNB e conflitante conseguir alcançar o término deste curso.

A minha mãe, Lucia, que sempre acreditou na minha capacidade. Pelo amor incondicional.

Ao meu irmão, Fabiano, que apesar da distância nos últimos anos, pela compreensão e paciência fraternal. Desejo em ver minha vitória.

Aos colegas de curso pelos momentos de alegria e descobertas compartilhados durante muitos semestres. Pelas conversas paralelas, bilhetinhos durante as aulas e pelas gargalhadas inesquecíveis.

A professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho, por sempre acreditar em mim reconhecendo meus esforços e me ajudando a reerguer em momentos de desestímulo. Por colocar em prática o verdadeiro papel do pedagogo, que nunca desiste do aluno e possibilita florescer no aluno a vontade de sempre transpor as dificuldades no processo de aprendizagem.

Aos meus alunos do Centro Educacional 02 do Cruzeiro Novo (EJA) que colaboraram para que eu desenvolvesse o presente projeto e por propiciar uma importante articulação entre a teoria aprendida nos meios acadêmicos e a prática vivenciada na realidade da sala de aula. E por muito terem me ensinado durante esta caminhada.

PEREIRA, Luciana Rodrigues. *Reflexões Sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Relatos de Experiências*. Brasília-DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2011.

RESUMO

O presente trabalho reúne uma interessante reflexão sobre possíveis proposições de uma prática pedagógica produtiva pautada numa metodologia libertadora de Paulo Freire que permite ao aluno ser reflexivo e questionador. O tema foi escolhido dentro de uma perspectiva comparativa da metodologia tradicional com um ideal de aprendizado que aproxima-se da realidade dos alunos levando-a para sala de aula de forma contestadora.

Ao longo dos capítulos foi construído um quadro histórico e teórico que permitisse ao leitor situar se dentro da problemática proposta. Um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é suficiente para nos mostra que tivemos alguns avanços e conquistas em relação a essa modalidade de ensino, no entanto, ainda hoje a alfabetização não é uma apropriação de todo o cidadão, por isso enfrentamos índices de analfabetismos tão assustadores.

A grande questão a ser analisada é que ainda é evidente na Educação de Jovens e Adultos um enraizamento da metodologia tradicional que não tem uma visão pedagógica comprometida como uma educação libertadora e crítica, como a pedagogia proposta por Paulo Freire. Oferecem uma educação tradicional e muitas vezes defasada, ignorando a questão do trabalho como a essência da Educação de Jovens e Adultos que foi o principal tema trabalhado em sala de aula para que pudesse aproximar-se da cultura dos alunos e assim concretizar uma postura de educador com pensamento libertador.

Numa reflexão de um ideal da prática pedagógica focada na educação libertadora foi traçado proposições em sala de aula pautadas no referencial teórico de Paulo Freire, a fim de demonstrar a importância de uma educação para a formação crítica dos educandos. E ainda foi observado o nítido entusiasmo dos educandos quando levado para sala de aula trabalhos que se aproximam da própria realidade.

Palavras-chaves: Educação, Educação de Jovens e Adultos, Pedagogia Libertadora, Trabalho.

SUMÁRIO

PARTE I

MEMORIAL

TRAJETÓRIA DE VIDA	10
--------------------------	----

PARTE II

MONOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO DF: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

INTRODUÇÃO	22
------------------	----

CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO

SOCIAL E POLÍTICA PÚBLICA: HISTÓRIA DA EJA	24
--	----

1.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	29
---	----

1.2 ALUNOS E ALUNAS DA EJA.....	33
---------------------------------	----

1.3 A EDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO DEVERIA SER.....	35
--	----

CAPÍTULO 2 – EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO DF: ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

2.1 AS PROPOSIÇÕES DE MELHORIA DA EDUCAÇÃO.....	61
---	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
-----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	68
--------------------------	-----------

ANEXOS	69
---------------------	-----------

PARTE I
MEMORIAL

TRAJETÓRIA DE VIDA

Gostaria de iniciar este memorial relatando a fase inicial da minha vida com a educação informal que, por sinal, foi muito bem dada pela minha mãe, Lucia Rodrigues Pereira, dona de casa, que colaborou significativamente para o que sou hoje. Eu, uma mulher, hoje, com 28 anos, independente, que, atualmente, tenho a possibilidade de ajudar financeiramente os meus pais, lutando para alcançar os meus ideais e percorrendo uma estrada sem o privilégio de ter ao meu redor os meus familiares, sendo isto muito importante. O motivo deste distanciamento da minha família, explicarei mais a frente. Podem-se estranhar em não ter comentado do meu pai, Sérgio Rangel Pereira, comerciante. Apesar de não ser separado da minha mãe, não o tinha muito presente, colaborando com minha mãe na minha educação e do meu irmão. Ele trabalhava o dia todo chegava a casa já no final do dia e sempre se mostrou um pai neutro que não impunha regras e ordens.

Assim, minha mãe, aparentemente, sozinha, era rígida sempre me ensinando princípios morais, religiosos que julgava ser muito importante e essencial para formação do meu caráter, ainda mais sendo uma menina, motivo este, que pude observar as exigências serem maiores em relação ao meu irmão.

Iniciei meus estudos no colégio Santo Antônio de Pádua em Duque de Caxias-RJ, onde passei 11(onze) anos, cursei o ensino infantil e fundamental. Desde as primeiras séries sempre fui destaque na turma, era comportada e exemplar. Algumas professoras me marcaram muito nas séries iniciais, como a “Tia Elvira”, pois demonstravam gostar muito de mim e me incentivavam muito. Eu participava de todos os eventos da escola como festas comemorativas e competições onde me recordo ter ganhado um campeonato de leitura, sempre, me destacava nas atividades que realizava.

Minha mãe exigia muito de mim nos estudos, da caligrafia ao entendimento da matéria, cobrando-me ótimas notas. Numa ocasião, recordo-me da minha mãe me trancar no quarto e não sairia de lá enquanto não soubesse a tabuada. Ela realmente mostrava-se muito preocupada com o meu bom rendimento na escola. Afinal, ela era sozinha nesta missão, tanto na educação informal como acompanhar a minha educação formal. Minha mãe sempre me incentivou e me possibilitou dedicar-me exclusivamente a minha formação intelectual, até que pudesse estabelecer uma estabilidade na minha carreira profissional.

Neste momento, considero importante registrar a relação dos professores comigo(aluna) nas séries iniciais. Sentia uma proximidade com os professores onde estes tentavam acompanhar de perto o meu rendimento nas matérias. No ensino fundamental, que, a princípio, consideram-se os alunos como independentes, e com um falso pensamento de serem mais responsáveis, os professores mostravam-se mais distantes não se preocupando tanto com o que os alunos viviam fora da escola e se esta realidade externa à escola poderia influenciar na produção escolar.

Eu era uma aluna considerada nota 10, isto por exigência, talvez, muito mais minha, e quando não alcançava o “excelente” isso era observado pelos outros e ainda gerando comentários. Lembro-me de uma professora comentar, na frente da turma, com uma certa crítica sobre a nota baixa que havia tirado em matemática, pois sempre tirava notas altas. Naquele período, eu passava por um momento complicado em minha vida onde minha mãe teve que sair para trabalhar, ajudando o meu pai no comércio. Eu tinha que ficar sozinha em casa, com o meu irmão, situação esta que me transtornava muito e conseqüentemente não estava indo tão bem na escola. A professora não tinha ciência desta situação e nem se mostrava interessada em saber, em aproximar-se daquele aluno que apresentava mudanças, e somente me julgou perante a turma deixando-me mais triste, desestimulada e frustrada.

Ainda sobre a minha relação com os professores, afirmo serem interessantes estes fatos por me marcarem por muito tempo, demonstrando como é fundamental uma boa relação entre aluno e professor, baseada na confiança. Recordo-me de uma professora de Ciência que tinha um domínio em fazer com que os alunos se interessassem pela matéria. As aulas desta professora eram muito dinâmicas e digo até divertidas que ninguém ficava desatento a sua aula. Todos gostavam desta professora e esperávamos ansiosos pela sua aula. Ela comparava e citava exemplos da nossa realidade nos proporcionando uma proximidade com o que era ensinado e sentíamos mais estimulados. Era um prazer em participar das Feiras de Ciência. E assim passei as séries iniciais e o ensino fundamental.

O ensino médio posso considerar o período mais cheio de experiências e conseqüentemente me trouxe muita maturidade. Começo pelo fato de simplesmente sair do meu bairro onde caminhava até a minha antiga escola e ir agora para o centro da minha cidade (Duque de Caxias) pegando ônibus e tendo assim mais responsabilidades. Iniciei o ensino médio no Colégio Antares, mais um colégio particular, que minha mãe pagava com

sacrifício pois como já citei, ela era dona de casa e tinha que sustentar as despesas da casa e dos filhos com uma “mesada” que meu pai dava, mensalmente, independente que as despesas diminuíssem ou aumentassem.

Matriculei-me no curso de formação Geral do ensino médio pois não queria uma formação técnica, almejava o vestibular para ingressar numa Universidade Pública do Rio de Janeiro. Desde início do ensino médio tive sempre muita dedicação para os estudos e quando cheguei ao último ano entrei para a TTI (Turma de Tempo Integral) onde permanecia na escola a partir da manhã até as 19hs. Era exaustivo, fazia inúmeras “baterias” de exercícios e muitas provas. Com isso a proximidade com os professores era muito maior, eles dedicavam-se intensamente para que tivéssemos bom rendimento e sucesso no vestibular. Lembro-me de um professor de física oferecer aulas de reforço nos finais de semana. Algo muito marcante foi a minha turma do último ano onde criei laços de amizade muito fortes, pois afinal ficávamos quase o dia todo juntos. Toda turma era muito unida apoiávamo-nos e nos ajudávamos no aprendizado de cada matéria.

Depois iniciei minha maratona de vestibulares para as Universidades Públicas do Rio de Janeiro, onde obtive sucesso somente na primeira fase para o curso de Serviço Social na UERJ, mas na segunda fase não fui aprovada.

Sempre tive interesse pela área de Humanas e a certeza de que gostaria de seguir por este caminho, pois sempre me despertou o interesse por uma ciência que tenta aproximar-se de uma compreensão completa do ser humano tanto na formação intelectual, como em seu comportamento no individual como no social.

Depois de não obter aprovação para a Universidade, comecei a tomar outros rumos em minha vida, pois deveria conseguir uma estabilidade financeira, primeiramente, para que pudesse dar conclusão a minha formação com o ensino superior.

Dediquei-me a cursinhos para concursos militares. De alguma forma, me senti incentivada pela irmã de uma vizinha que era oficial da Marinha. Vi uma possibilidade de ter um futuro estável podendo dar continuidade aos meus estudos e ainda ajudar financeiramente a minha mãe que não tinha condições de financiar um ensino superior para mim e até mesmo de manter em dia as despesas da casa. Com isso, estava obrigada a dar prioridade ao trabalho, como muitos jovens nesse país que são forçados a abandonar a escola para ingressar no mundo do trabalho e garantir o próprio sustento e da família.

Depois de uma longa jornada de tentativas para ter aprovação num concurso público obtive aprovação para o concurso das Forças Armadas. Neste momento, posso dizer que minha vida deu uma volta de “360°”, pois para realizar o curso de formação para ocupar um cargo nas Forças Armadas foi necessário me mudar para São Paulo (Guaratinguetá) onde passei por muitos aprendizados, além de intelectuais mas também psicológicos e até mesmo desgaste físico. Mas penso que não foi nada tão insuperável pois pela educação rígida que tive, permitiu-me enfrentar com serenidade os obstáculos encontrados na formação para carreira militar.

Após a formação fui disposta para a vaga de uma Unidade Militar em Brasília. A partir deste momento tinha a certeza de não poder mais regressar à minha cidade de origem e assim desvinculando-me dos meus familiares e seguindo sozinha na trajetória profissional e na conclusão dos meus estudos.

Em Brasília, fiquei admirada quando soube que na capital do país havia somente uma Universidade Pública, a UNB. Com isso a concorrência seria maior, mas não foi impedimento para iniciar a minha dedicação, novamente, ao vestibular. Assim me matriculei num curso pré-vestibular (ALUB), mas nesta época mantinha uma outra rotina de vida, trabalho em horário integral e dedicação aos estudos à noite. Rotina esta muito comum a milhares de jovens e adultos no Brasil que lutam para ter um diploma e ocupar de fato a posição de cidadão na sociedade.

Depois de duas tentativas para ingresso na UNB, desisti do curso pré-vestibular e estudei por conta própria e com uma nova tentativa fui aprovada na UNB na 2ª chamada para Pedagogia. Foi uma enorme vitória, pois concretizei minha vontade de ingressar na área de Humanas e ainda na área do ensino que nos possibilita compreender como se dá o processo de aprendizado de um indivíduo e a importância do educador neste processo. A cada matéria realizada aumentava mais meu interesse pela Pedagogia, fazendo-me recordar de episódios em minha vida, de que sempre ajudava vizinhos, familiares e conhecidos em tarefas escolares desenvolvendo, posso dizer, a função de “explicadora”, que desempenhava com muita satisfação. E acho que isso justificava meu envolvimento cada vez maior e satisfação no curso de Pedagogia.

Em virtude disto, obtive um bom aproveitamento na minha trajetória acadêmica onde busquei em muitos semestres focar matérias da psicologia ligadas à educação como:

Perspectivas do Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação, Psicologia da Personalidade 1, Enfoques Psicopedagógicos das Dificuldades de Aprendizagem, e Desenvolvimento Psicológico e Ensino. Tinha um enorme interesse por psicologia e assim tentei conciliar algumas matérias ligadas ao ensino com foco na psicologia. Com a realização destas matérias forneceu-me uma bagagem para uma melhor compreensão do desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, num enfoque de como se dá o desenvolvimento psicológico de um indivíduo direcionado para o aprendizado.

Desde o início da minha trajetória acadêmica não sentia proximidade com a educação infantil e pensei em muitos momentos em direcionar-me para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sentia um determinado interesse por esta área no sentido de ser interessante em lidar com uma sala de aula onde alunos trazem consigo conhecimentos prévios, uma bagagem cultural, vivências que, de alguma forma, interferem no processo de aprendizado e devem ser levados em consideração, sendo este o maior desafio do educador. Nos semestres seguintes com a realização dos Projetos Individualizados de Prática Docente possibilitou-me adentrar no mundo da EJA. Sentia-me na verdade, fazendo parte deste mundo pois afinal eu tinha uma rotina de conciliação de trabalho e estudos que me direcionava para a pesquisa nesta área onde escolas de EJA tinham aulas à noite, exatamente, por tratar de alunos que tinham esta mesma rotina. Assim podendo conciliar os meus horários com o Projeto a ser realizado na prática docente.

O Projeto 3-Projetos Individualizados 1 foi direcionado para o letramento onde pude compreender o processo de alfabetização do indivíduo. No Projeto 3-Proj. Individualizados 2 possibilitou-me aproximar da área da Educação de Jovens e Adultos focada na Economia Solidária que tem como pilar o tema Trabalho numa perspectiva de uma nova visão do sistema econômico. Assim com este tema trabalho pude desenvolver os projetos seguintes que exige a real prática docente e possibilitando-me estar inserido e melhor compreender a área da EJA.

Decidida a seguir este caminho focado na EJA realizei a matéria de Educação de Adultos que pude me aprofundar com mais detalhes neste tipo de Educação que ainda necessita de muitos esclarecimentos e conscientização dos educadores para alcançar uma prática pedagógica considerada como ideal. Com esta matéria me aproximei do mundo dos Jovens e Adultos, pois conforme o plano de aula foi estudado a evolução histórica e as

tendências atuais da Educação de Adultos no Brasil; análise da legislação e políticas públicas para Educação de Adultos, e ainda reflexões do mundo do trabalho para formação profissional, sendo este último tópico fundamental para usar de forma proveitosa e com mais propriedade, no presente trabalho, os dados do relatório de conclusão do Projeto 4 (Prática Docente), que tem como tema, o Trabalho.

Em um semestre anterior à realização da matéria de Educação de Adultos, realizei este Projeto 4 que possibilitou-me focar, especificamente, o ramo que gostaria de seguir dentro da Pedagogia. Este ramo seria a EJA que despertou o meu interesse quando da realização do Projeto 4 que compõe os cinco projetos exigidos para formação em Pedagogia. Este projeto exigiu a prática pedagógica e assim houve a necessidade da minha ida a sala de aula, no caso da EJA, onde mantive um contato com esta realidade que necessita de muitos estudos para compreensão de uma prática pedagógica libertadora. É neste direcionamento que vou tratar o presente trabalho onde pretendo refletir sobre as práticas pedagógicas na EJA, evidenciando possíveis proposições de melhoria desta educação.

Senti-me incentivada a iniciar o aprofundamento teórico nesta monografia a partir do trabalho desenvolvido durante as atividades realizadas no , Projeto Individualizado de Prática Docente 4, tem como fundamental a vivência concreta das “situações educativas”, entendidas como espaço/tempo da atuação interativa com os alunos, inclusive em sala de aula. Direcionei-me à escola do Cruzeiro (Centro Educacional 02) iniciando uma proposta de intervenção pedagógica que me permitiu o conhecimento dos espaços educativos que possibilitavam o aprendizado, bem como os trabalhos realizados direcionados para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Fui direcionada para uma turma da 3ª série da EJA na qual pude iniciar um projeto de realização de práticas pedagógicas voltadas para uma perspectiva de aproximação das propostas curriculares vigentes com o mundo do trabalho. Reconhecendo o aluno como centro da proposta educativa que considera na sua abordagem pedagógica sua história, e as questões relacionadas à sua realidade fossem incorporadas em uma perspectiva pedagógica.

No trabalho desenvolvido procuramos superar a abordagem do ensino tradicional, que consiste no uso de uma metodologia linear sem variações nem ajustes direcionados ao seu público envolvido no processo de ensino/aprendizagem. Desta forma planejei o

desenvolvimento de um trabalho a partir de ações que buscasse conhecer e refletir sobre a realidade do educando jovem e adulto, bem como refletir sobre o atual contexto em que esta educação ocorre.

Consideramos que na Educação de Jovens e Adultos, cada aluno está inserido em um contexto socioeconômico e cultural que lhe é próprio com acesso as informações esparsas, que de alguma forma chegam à sala de aula.

Posso iniciar um breve relato das práticas pedagógicas trabalhadas que deu início a proposta pretendida do Projeto 4, pelo Círculo de cultura, na proposta de Paulo Freire, onde os alunos expõem suas práticas, experiências permitindo que ocorresse a construção coletiva do conhecimento. Era exposta sua origem, a trajetória escolar de cada um, o motivo de estarem na EJA e as expectativas com relação ao aprendizado . Observava a ansiedade e expectativa de desenvolverem aquele trabalho que era levado para sala de aula. Alguns se mostravam receosos e intimidados com as abordagens e estímulos para discutir com a turma determinado assunto. Nesta postura, de estimulação, confiança e interesse pelo aluno, mantida pela pesquisadora possibilitava ter uma proximidade com os alunos e até mesmo que interagissem., o que resultou em um maior conhecimento uns dos outros e do aluno da sua própria realidade. Cabe ressaltar que durante as atividades era interessante a colocação de certos alunos que reconhecia a importância de saber ler e escrever para poder ingressar no mercado de trabalho e de fato exercer sua cidadania: “...até pra preencher um formulário na procura de um emprego preciso saber ler.” e até para fazer parte de um determinado grupo: “...para ajudar nas atividades da igreja tenho que saber ler e escrever.”.

Essas observações levaram-me a refletir sobre as características dos sujeitos da EJA, educandos marcados pela experiência da exclusão social impregnada na história brasileira, que buscam na EJA dar continuidade a um processo que foi interrompido no tempo previsto. Por outro lado mostraram-me também que os conhecimentos e saberes adquiridos em diversos espaços de formação pelo jovem e adulto e a ressignificação de conteúdos antes apresentados de forma estática e desconectados da realidade do educando, podem contribuir diretamente na sua formação na EJA se levadas pelos educadores para sala de aula com a consciência de um sentido transformador

Ao trabalhar com a história de vida, observei que os estimulando a expor suas condições que os levavam estar na EJA possibilitava aumentar a capacidade de perceber e

influir no mundo. Pois refletiam e questionavam sua posição neste sistema exigente de uma escolarização para pertencer ao mundo do trabalho.

Neste momento é importante ressaltar que os alunos de EJA vivem a cultura do trabalho lidando, o tempo todo, com obstáculos para se manter em sala de aula. Fato este que pude presenciar, permanentemente, a questão da dificuldade de conseguirem associar o tempo para o aprender e para o trabalho, principalmente alunos idosos que se sentiam cansados no horário da aula (noturno) após um dia exaustivo de trabalho. Ainda relatavam em muitos momentos ter a necessidade de irem a pé para casa exigindo deles mais um desgaste físico e assim mais um empecilho para que se mantivessem na escola.

Nas discussões sobre trabalho e educação, idéias eram lançadas e era interessante como os alunos se expunham e mostravam-se questionadores ao analisarem determinadas situações. Isso me permitia colhê-las para que ainda fossem desenvolvidas e melhor trabalhadas mais a frente em outras atividades e assim levando para sala de aula um conhecimento trabalhado didaticamente mas que mantivesse a proximidade com a realidade dos alunos. Conseguia ter uma noção da necessidade da turma, o que almejavam aprender e quais conhecimentos prévios possuíam de forma que minhas atividades foram montadas na perspectiva de transformar esses conhecimentos cotidianos em conhecimentos científicos.

Cabe ressaltar que desenvolvia um trabalho em conjunto, professor e aluno, do processo de ensino aprendizagem, onde o aluno é participativo, pois com suas colocações permite ao grupo refletir e ainda o próprio aluno percebe-se questionador e crítico perante a um assunto que lhe é exposto e assim colocando em prática a dialogicidade tão bem exposta por Freire:

Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante do grupo. (FREIRE, 1999, 111)

Pude perceber que os alunos mostravam-se muito mais produtivos quando estimulados e instigados a debaterem e a exporem as suas idéias sendo esta uma boa estratégia de aula, onde o dialogismo é colocado como pressuposto. Talvez possa ser considerado como sendo ideal tal estratégia para conceber o processo de ensino aprendizagem.

Para exemplificar esta importância de se manter o diálogo entre professor e aluno registro neste momento o relato de um aluno sobre uma situação do seu cotidiano que a leitura e o escrever estão em nossa volta, no dia a dia: Estando no auto-atendimento de um caixa eletrônico de um banco, onde encontra-se na necessidade de pedir auxílio a outros por não saber ler, e impossibilita-o de, simplesmente, operar uma máquina e ainda, corre o risco de poder ser facilmente enganado por terceiros. Com esta colocação, na ocasião da discussão dos motivos de estarem na EJA foi possível refletir junto aos alunos a exigência de uma sociedade letrada para que sejam reconhecidos como cidadãos. Com isso dando voz àquele aluno da EJA permite-o analisar criticamente um assunto que lhe é apresentado e põe-se em prática o dialogismo.

Sobre a questão da criticidade, houve um momento quando discutido sobre o sistema capitalista o alunos compreendiam seu papel na sociedade focando esta relação de opressor e oprimido; Com isso se dá o momento de conscientização, de entendimento crítico que o aluno se faz sujeito da sua história como discutido por Paulo Freire (1987, p. 54), “Foi a sua inserção lúcida na realidade, na situação histórica, que o levou à crítica desta mesma situação e ao ímpeto de transformá-la.”

Refletindo sobre este período que passei no Centro educacional do Cruzeiro realizando este trabalho referente ao Projeto 4 pude perceber como é relevante as vivências, a cultura e os conhecimentos prévios que os alunos possuem e como esses influenciam diretamente no processo de ensino aprendizagem. E ainda a importância do educador comprometido com o desenvolvimento de um trabalho nesta concepção de aprendizado reflexivo, crítico e questionador.

Este contato com a EJA, analisado no relatório produzido como resultado das atividades realizadas no âmbito do Projeto 4 pude desenvolver e aprofundar este tema, abordado no presente trabalho. Diante disso, na perspectiva de desenvolver uma observação mais detalhada daquela realidade, visando aprofundar minha compreensão relacionada ao processo de ensino aprendizagem na EJA, retornei à escola, palco das minhas atividades concretizadas em prol do Projeto 4, para somente realizar um trabalho de observação da prática pedagógica focando como ideal uma prática pautada nos pressupostos de Paulo Freire

Cabe ressaltar que o trabalho que desenvolvi no Projeto 4 foi focado na relação da EJA com o mundo do trabalho tendo Paulo Freire como referencial teórico-metodológico, na perspectiva de eleger como foco principal do trabalho pedagógico o educando. Nessa perspectiva, comecei a refletir sobre a importância das vivências do aluno e a cultura a que pertence, relacionando-a ao processo de ensino aprendizagem, levando em conta ainda a postura do professor, como alguém que investiga a realidade do aluno para que essa seja levada para sala de aula de forma reflexiva, contribuindo para que o educando assuma uma postura questionadora e crítica e ciente da sua identidade na sociedade.

Esta experiência vivida no Projeto 4 levou-me a uma série de reflexões que resultaram no presente trabalho. Este aborda as experiências ancoradas na perspectiva de educação libertadora defendida por Paulo Freire. Em suas obras o autor aponta para a necessidade de formar os educandos numa perspectiva questionadora, impaciente e ativa considerando suas vivências e suas referências culturais.

Nessa perspectiva tive oportunidade de acompanhar uma turma de 4ª série da EJA na mesma escola em que realizei o Projeto 4, como relatei, acima, que retornei a escola onde somente observava aulas de uma professora substituta do professor que trabalhei anteriormente aplicando as práticas pedagógicas referente ao Projeto 4.

No início das primeiras observações mantive em muitos momentos conversas informais com os educandos, nessas eles demonstraram certa insatisfação em relação à professora. Suas críticas eram direcionadas à grande predisposição da professora “às conversas e discussões de temas do cotidiano”. , que, a princípio, para eles não tinham importância. Relatavam uma certa nostalgia do tempo em que tinham aula com a professora da série anterior, com quem afirmavam aprender muito mais, tendo em vista que essa “enchia” o quadro de atividades e os ocupava fazendo-os copiar a lição, além disso, ela fazia muitos ditados, onde testemunhavam sentirem-se, de fato, aprendendo algo.

Confesso que me senti convencida pelo argumento deles, achando que de fato a professora não desenvolvia o seu papel de educadora, com isso me contaminando também pela pedagogia tradicional, tão enraizada naquela turma, definida por Freire como educação bancária.

Aos poucos fui percebendo no trabalho da professora o objetivo de provocar em seus alunos uma reflexão crítica, principalmente, por abordar assuntos atuais relacionados à

realidade dos educandos. Com isso pude repensar minha conclusão errônea em relação à professora que desempenhava uma postura preocupada com o aluno como sujeito do processo de aprendizagem, em que não somente ela como educadora poderia dominar o saber.

Tive oportunidade de conversar com a professora na intenção de saber qual era sua proposta de trabalho, ela relatou que pautava seu trabalho na perspectiva freiriana. Assim, pude observar de perto o cotidiano em contato com as teorias sendo colocadas em prática, diante dos meus olhos. Pude refletir sobre minhas conclusões precipitadas, que me levaram a interpretações errôneas, respaldada pelos depoimentos dos alunos enraizados numa pedagogia tradicional e que aparentemente traz o ideal de aprendizado. Até mesmo a professora relatou trazer trabalhos extensos, como trazia a professora anterior que recordaram com nostalgia, para que se mantivessem estimulados e de forma gradual possam aceitar outra perspectiva de aprendizagem mais ativa, questionadora e reflexiva.

Com estas experiências pude desenvolver este trabalho baseando-me em relatos dos alunos que observei, a maioria, serem enraizados pela pedagogia tradicional, com uma prática bancária, sendo passivos a tudo que recebem e não desenvolvendo o conhecimento. Ainda testemunhei um educador na tentativa de colocar em prática uma postura pedagógica que pensa nas pré concepções do aluno levado-as para sala de aula. Assim com todos estes instrumentos possibilita-me analisar a importância de considerar o aluno como sujeito do processo.

PARTE II
MONOGRAFIA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO DF: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS**

INTRODUÇÃO

A metodologia tradicional, aquela pautada num aprender automatizado e passivo, onde professor é o dominador do saber, ainda é considerada por muitos autores a primordial e a que deve ser colocada em prática numa sala de aula de Jovens e Adultos. Estes são encharcados de saberes e experiências que com esta metodologia tradicional não leva em conta tais vivências no processo de ensino aprendizagem. Desta forma, prevalece uma educação sem produtividade, distanciada da realidade dos alunos e conseqüentemente levando-os a desistência e frustração de uma formação, a tempo de se tornarem reais cidadãos pertencentes a sociedade.

Diante desta concepção de uma metodologia tradicional que não permite ao aluno ser reflexivo em relação ao seu papel na sociedade e crítico perante o que lhe é apresentado, o presente trabalho permitirá refletir sobre proposições possíveis de uma prática pedagógica produtiva formadora de alunos ativos, pautada numa metodologia de Paulo Freire (libertadora).

O presente trabalho desenvolvido tem a sua importância no sentido de nós educadores refletirmos sobre a prática pedagógica, se os alunos sentem-se pertencente a esta escola que um dia os expulsaram e forçadamente colocaram numa posição de inferioridade. Teremos a possibilidade de repensar uma metodologia tradicional totalmente enraizada onde há claramente uma repudia de uma prática reflexiva, ativa e impaciente. E ainda o trabalho de pesquisa permitirá observar o nítido entusiasmo dos educandos quando levado para sala de aula trabalhos que se aproximam dos seus respectivos cotidianos.

Este trabalho nos leva a refletir na forte permanência de uma metodologia tradicional tanto da parte dos alunos como de professores que insistem praticar tal metodologia, mas contrapondo com educadores que possuem um pensamento libertador e tentam criar uma relação de proximidade e conseqüentemente confiança com o educando. Aproximar-se da realidade dos alunos e levá-la para sala de aula sendo trabalhada de forma contestadora, levando-os a emancipação humana, é um verdadeiro desafio hoje para os educadores.

O trabalho desenvolvido em sala de aula teve como principal direcionamento o tema Trabalho para que assim pudesse aproximar-se da cultura destes alunos representantes,

nesta pesquisa, de uma grande parcela da sociedade pertencentes à educação de Jovens e Adultos. Com isto possibilitando aos educandos refletirem sobre sua condição de trabalhadores que ainda lutam pelo direito a uma educação, anteriormente, negada para hoje serem levados, plenamente, ao direito a cidadania e reformulando concepções e valores que lhes foram pré-estabelecidos. Posteriormente, com apenas observações foi possível refletir em práticas pedagógicas contraditórias, ainda existentes em nossa Educação de Jovens e Adultos, pautadas numa idéia libertadora como também numa idéia passivadora do educando em relação ao seu posicionamento como cidadãos.

Durante o trabalho desenvolvido com os educandos tentou-se colaborar na formação de indivíduos críticos e questionadores pautados numa educação libertadora sugerida por Paulo Freire. Com o foco no tema Trabalho foi possível refletir e realizar debates juntamente com os alunos: uma percepção dos educandos em relação as suas condições sociais; situá-los no sistema econômico em que se encontram e participam dele, o capitalismo; verificar, refletir e debater sobre a realidade em que vivem e lutam, permanentemente, por sua autonomia e conseqüentemente sua cidadania. Com isso possibilitando a reflexão da Educação de Jovens e Adultos e possíveis proposições de melhoria da prática pedagógica a ser desenvolvida no presente trabalho.

A abordagem metodológica utilizada para alcançar os tópicos relacionados acima, consiste em práticas pedagógicas temáticas sobre o Trabalho realizadas numa turma da 3ª série da EJA do Centro Educacional 02 do Cruzeiro Novo. E ainda posterior retorno a escola para observações na turma em que trabalhava o professor no período anterior da aplicação das práticas pedagógicas, onde no momento acompanhei a professora substituta, permitindo refletir sobre diferenciadas práticas pedagógicas.

Antes de concretizar as práticas pedagógicas construí um histórico pautado na EJA como movimento social e como política pública, tentando perceber como se deu o processo de consolidação dessa modalidade de ensino.

Pautada no referencial teórico de Paulo Freire tentei traçar proposições de uma melhor prática pedagógica.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO MOVIMENTO SOCIAL E POLÍTICA PÚBLICA: HISTÓRIA DA EJA

No Brasil colônia a educação da população adulta era assistemática e de caráter religioso e para a formação de mão-de-obra, ensinando-os a ler e escrever para que pudessem ler o catecismo e seguir as leis da corte.

Com o desenvolvimento industrial inicia-se um processo lento, mas crescente de valorização da educação de adultos visando o domínio das técnicas de produção como ascensão social e ampliação do contingente eleitoral.

A constituição de 1934 estabeleceu o Plano Nacional de Educação que regulamenta o dever do Estado em relação ao ensino primário, integral, gratuito e de frequência obrigatória, inclusive dos adultos, em 1940 com altos índices de analfabetismo no País, o governo criou um fundo destinado à alfabetização da população adulta, no final da ditadura de Vargas, iniciou-se a consolidação da educação de jovens e adultos com um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos, e com a criação da UNESCO foi solicitado aos Países integrantes a educação da população analfabeta, em 1947 o governo lançou a primeira campanha de educação de adultos com a alfabetização três meses, com o objetivo de capacitação profissional e atuação junto a comunidade, na época o analfabetismo era visto como causa e não como efeito do escasso desenvolvimento Brasileiro, o método de alfabetização recebeu muitas críticas como as precárias condições de funcionamento das aulas, baixa frequência, inadequação do programa e do material didático e a desqualificação dos professores, ocorrendo declínio da campanha, a delegação de Pernambuco se sobressaiu apontando soluções da qual Paulo Freire fazia parte que propunha maior comunicação entre educador e educando e uma adequação do método às características das classes populares.

Na década de 50, com a política econômica desenvolvimentista de Juscelino, com investimento na industrialização, necessitando de mão-de-obra especializada foi realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), seus organizadores entendiam que a simples ação alfabetizadora era insuficiente, a educação significaria

mudança em suas condições de vida, foi extinta em 1963, em 1958, foi realizado o segundo Congresso nacional de Educação de Adultos com o objetivo de avaliar e propor soluções para a educação de adultos.

No início da década de 60, iniciou-se uma intensa mobilização da sociedade em torno das reformas de base, o que contribuiu para a mudança das iniciativas públicas de educação de jovens e adultos com uma nova pedagogia de alfabetização que tem como referência Paulo Freire, surgindo um novo entendimento da relação entre a problemática educacional e social, o analfabetismo passa a ser interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social pautada na desigualdade, em 1961, Freire foi indicado para diretor do departamento de Extensões culturais do Recife, no ano 1962, sua experiência começa na cidade de Angicos, no Rio Grande do norte, onde teve a oportunidade de colocar em prática suas teorias, quando ensinou 300 cortadores de cana a ler e a escrever em apenas 45 dias, após o sucesso de sua experiência a mesma foi rapidamente difundida pelo país, o governo Brasileiro aprova a criação de centenas de círculos de cultura ao redor do País, na concepção de Paulo Freire o educando e educador devem interagir, numa busca pelo diálogo e a formação crítica, levando em consideração a cultura, os acontecimentos, ou seja, trabalhar o processo de ensino e aprendizagem ligado à realidade do aluno, para a formação de um cidadão consciente de seu papel na sociedade, em 1963 encerrou-se a primeira campanha, juntamente com as outras campanhas existentes, e Freire ficou encarregado de desenvolver um programa nacional de alfabetização de jovens e adultos, porém em 1964 com o golpe militar deu-se uma ruptura nesse trabalho de alfabetização, já que a conscientização libertadora de Freire passou a ser vista como uma ameaça à nova ordem., Freire foi exilado por ser considerado um elemento de extrema periculosidade para o regime da época..

A partir deste momento, passou-se a realizar programas de alfabetização de jovens e adultos na vertente assistencialista e conservadora, em 1967, o governo criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), para a população analfabeta de 15 a 30 anos, com o objetivo de aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo, esvaziado de todo teor de reflexão crítica proposto por Paulo Freire e desvinculando o conteúdo programático do contexto econômico, social e político do País. Na década de 70 houve a expansão do MOBRAL, com uma proposta de educação integrada que objetivava a conclusão do antigo curso primário.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71, implantou o ensino supletivo, limitando o dever do Estado à faixa etária dos 7 a 14 anos, mas reconhecendo a educação de adultos como um direito de cidadania, o que pode ser considerado um avanço na educação de jovens e adultos, foi elaborada em um prazo de 60 dias, por nove membros indicados pelo então ministro da educação coronel Jarbas Passarinho.

Em 1974, o MEC implantou o Centros de Estudos Supletivos (CES), o País vivia à época vários acordos entre MEC e USAID, os cursos oferecidos foram fortemente influenciados pelo tecnicismo, adotando-se os módulos instrucionais, o atendimento individualizado, a auto-instrução e a etapa modular e semestral. Nos anos 80, com a abertura política, surgiram os projetos de pós-alfabetização, que propunham um avanço na linguagem escrita. Em 1985, o MOBRAL foi extinto e surgiu a Fundação EDUCAR que passou a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas existentes. Em 1988, foi promulgada a constituição, que ampliou o dever do Estado para com o EJA, garantindo o ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos. Em 1989, em comemoração ao Ano Internacional da alfabetização, foi criada a Comissão Nacional de Alfabetização, coordenada inicialmente por Paulo Freire e depois por José Eustáquio Romão. A partir do final dos anos 80, surgiram vários movimentos em favor da educação de jovens e adultos, o primeiro foi o Movimento de Alfabetização, MOVA, com o objetivo de reduzir o analfabetismo no Brasil.

Nos anos 90, ocorreu internacionalmente um crescente reconhecimento da importância da EJA para o fortalecimento da cidadania e da formação cultural da população, devido às conferências organizadas pela UNESCO, a partir dessa mobilização nacional, foram organizados os fóruns Estaduais da EJA, a recomendação foi que cada Estado realizasse um encontro para metas e ações da EJA. Em 1997, a UNESCO realizou a V CONFITEA para a discussão e elaboração de um documento nacional com diagnóstico e planos de ação para a EJA. Após a socialização da V CONFITEA houve uma série de encontros nacionais, ENEJA.

Apesar dos avanços da década de 80, tem-se um enfraquecimento da EJA nos anos 90, a mesma começa a perder espaço nas ações governamentais. Já em 1990, quando o governo Collor assume o poder, a Fundação EDUCAR é extinta.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, vincula a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais, constam dois artigos específicos à Educação de Jovens e Adultos:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º. Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

A LDB propõe a igualdade de acesso e permanência na escola para a Educação de Jovens e Adultos e a adequação considerando as condições de vida e trabalho deste educando, porém muitas vezes essas ações não se concretizam e são direcionadas por política públicas inadequadas. Segundo Ventura houve um retrocesso na LDB em relação à constituição de 1988, pelo fato de referir-se a EJA como cursos e exames supletivos, retornando à concepção de educação compensatória.

No ano de 2003, no governo Lula o MEC anuncia que a alfabetização de jovens e adultos será uma prioridade, em função disso cria-se a Secretaria Extraordinária de erradicação do analfabetismo com o objetivo de erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos, o Programa Brasil Alfabetizado passa a ser amplamente divulgado. Apesar das limitações o Programa trouxe grandes discussões e avanços sobre a problemática da EJA, lançando o desafio de encarar o educador e educando de uma maneira diferente do tradicionalismo visto até então, merece destaque a intenção de tornar o processo de alfabetização participativo e democrático e de formação continuada.

È importante frisar que por mais que estes programas governamentais tragam transformações e resultados significativos se não houver uma integração política entre os governos federais que assumem o poder não há como transformá-los em ações e efetivas e

duradouras. Não raro acontece de mudar o governo e juntamente com ele os programas e ações adotadas. A EJA deve ser tratada como uma política ampla de qualquer governo incorre em erro pensar que a solução é discuti-la isoladamente, totalmente desarticulada das demais políticas públicas.

A Educação de Jovens e Adultos ainda hoje é pensada como sendo simplesmente alfabetização, isto é, domínio da leitura e da escrita. Não desconsidero a importância do desenvolvimento deste processo, mas para, além disso, a alfabetização de jovens e adultos deve refletir sobre outros aspectos como às relações de ordem social, econômica, política e cultural à qual pertencemos.

Durante a modernização da sociedade brasileira, através da industrialização e urbanização, a educação de adultos assumiu a função de educar para a vida e para o mundo do trabalho. A necessidade de se ter cidadãos mais bem preparados para o trabalho fez com que a educação de adultos se torna-se essencial, uma vez que ela tinha como objetivo oferecer a oportunidade de ensino formal para a população de adultos e jovens que não haviam sido alfabetizados ainda. A sociedade precisava de mão-de-obra qualificada, a reciclagem desses adultos e jovens analfabetos se fazia necessária para a manutenção e crescimento desta nova sociedade.

Na década de 40 a educação de adultos tinha um papel de alfabetizar e qualificar os analfabetos foi nesta década também que houve uma preocupação com a elaboração do material didático para adulto. Após a 2 Guerra Mundial a educação de adultos tornou-se mais comunitária, com o objetivo de resgatar o respeito e os direitos humanos, uma vez que a sociedade sentia-se refém da guerra e da brutalidade, tendo sua auto-estima e fé abaladas.

No fim da década de 50 havia duas correntes da educação de adultos, uma a educação libertadora (conscientizadora) e a outro a educação funcional (profissional), de um lado as teorias de Paulo Freire do outro a criação do MOBREAL na década de 70. A educação de adultos se via dividida entre; uma educação preocupada com o desenvolvimento econômico do país e uma educação interessada no desenvolvimento pleno e contínuo do cidadão.

A Lei de Reforma nº 5.692/71 apresenta um capítulo para o ensino supletivo para jovens e adultos, esta lei procurava suprir a deficiência da educação, propondo educação formal para todos aqueles que não haviam tido escolarização no tempo adequado, esta lei se

torna vazia no que se refere a educação comunitária, apresentando apenas metodologias de ensino formal.

Em 1985 o Mobral foi instinto e foi criada a Fundação Educar, a educação de adultos seria esquecida pelo governo em 1990 com o fechamento desta fundação. Com a falta de recursos e apoio efetivo do governo a educação de adultos se via lançada a própria sorte.

Mas com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, o Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem, os documentos da Conferência Mundial sobre Educação para Todos e a nova LDB nº 9.394/96 o governo vem dar a educação de adultos um sentido mais amplo. A educação de adultos perde a função de simples espaço de letramento e capacitação para o mundo do trabalho, ela agora se torna espaço reflexivo da realidade e sua função não é mais apenas alfabetizar, mas criar condições reais de conscientização e transformação da sociedade.

O governo não vem priorizando a educação de adultos como se propôs, o analfabetismo segundo a UNESCO vem aumentando e o Brasil ainda é um dos países principais nestas estatísticas. O mundo do trabalho e da educação ainda não chegaram em uma relação dialógica, o cidadão que trabalha ainda se vê impossibilitado de freqüentar a escola, não há incentivo efetivo do governo e muito menos cooperação das empresas. O Mercado exige habilidades e conhecimentos, mas não se propõe oferecer oportunidade de estudo para os seus trabalhadores.

1.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos pode ser analisada sob muitos aspectos. Em uma abordagem numérica, conforme dados do censo 2000 do IBGE, observa-se que o Brasil entrou no século XXI com mais de 16 milhões de jovens e adultos acima de 15 anos com menos de um ano de escolaridade. Do ponto de vista do enfrentamento dessa questão, há esforços nos últimos 50 anos direcionados à alfabetização. Entendemos ser essa uma proposta emergencial sem continuidade de um progresso de aprendizado para esta grande quantidade de cidadãos a quem foi negado o direito à educação (KRUPPA, 2005).

Compreende-se que deve ser considerado como prioridade o perfil destes cidadãos para se constituir uma educação com qualidade e não mais num sentido emergencial, focado somente em alfabetizar mas formar indivíduos pensantes e declarados em relação ao seu posicionamento na sociedade, como afirma KRUPPA:

A educação básica tem, nesse início de século, mais do que nunca, o grande desafio de atender, com qualidade, a grandes quantidades de pessoas. Para isso, considera-se que o perfil da população a ser escolarizada é que deve ser o critério a partir do qual a oferta escolar deva se organizar, adequando-se esta àquele (KRUPPA apud Ireland, 2001, p. 154).

Apesar de na prática, ainda, observarmos uma educação voltada somente para alfabetização e não sendo crítica e problematizadora, evidenciamos na legislação, que se busca oferecer aos jovens e adultos sem escolarização ou com escolarização incompleta, o direito de uma educação digna, que possa contribuir para a transformação destes sujeitos e consequentemente da própria sociedade em que estão inseridos. Essas transformações, num sentido de pensar o aluno como sujeito do processo ensino aprendido, podem ser observadas na atual legislação, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que rege a educação de jovens e adultos (EJA) e que ainda tem inúmeros desafios a serem enfrentados. É interessante evidenciar que ainda há a necessidade de uma mudança de valores e conceitos a ser adotada pelas próprias práticas educativas.

A referida legislação, a LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) que abriga no seu Título V (Dos Níveis e Modalidades de Educação e Ensino), capítulo II (Da Educação Básica) a seção V denominada Da Educação de Jovens e Adultos que é uma modalidade da educação básica, nas suas etapas fundamental e média.

[...]Seção V
Da Educação de Jovens e Adultos

Art. 37º. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38º. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando a prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º. Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.[...] (BRASIL, LDB, 1996, grifo nosso).

Freire (1987) afirma que com esforço e profunda conscientização, os homens permitem-se sair do papel de dominados para de fato inserirem-se como sujeitos da história. Assim, chama-nos a atenção o poder de transformação inerente aos sujeitos quando devidamente estimulados. Nesse sentido, entendemos que cabe aos profissionais ligados à EJA, conduzir o processo educativo de forma que os papéis até hoje atribuídos aos sujeitos: dominantes e dominados, possa ser revisto a partir de uma educação que favoreça a reflexão, a crítica e o desvelamento dos processos de submissão a que esses jovens e adultos tem estado submetido.

Nesse processo de construção de um novo projeto político para a educação dos jovens e adultos não é linear, ocorre uma série de obstáculos, nesse sentido, alguns autores chamam atenção para propagação de um pensamento que pode conduzir ao imobilismo, à aceitação da pouca escolaridade e seu entendimento como algo natural.

São inúmeros os exemplos de frases ou pensamentos amplamente difundidos e que acabam fazendo parte no imaginário da população. Acreditamos que esses pensamentos colaboram para oprimir e impedir o povo de crescer: “todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar ao sucesso, a ser empresários, a ter ascensão social”; “Deus quer assim”; “a existência de classes sociais e da miséria e da exclusão é algo natural e contra as quais não se pode lutar” .Na perspectiva de combate a essa linha de raciocínio, surge a abordagem de que a EJA deve passar a ser, não somente, um meio que transmite conhecimentos, mas um processo que permita o desenvolvimento da capacidade de pensar com o outro (KRUPPA, 2005). Ou seja, o poder do diálogo, da argumentação e da problematização entorno de um assunto ou um novo conhecimento que lhe é apresentado e diante disto há a possibilidade de formar cidadãos esclarecidos e não leigos ao seu papel social. A EJA deve caminhar

para ser um espaço de reconhecimento de sujeitos que refletem sobre seu posicionamento nesta sociedade que mantém um discurso liberal no sentido de acomodação das condições carentes em que o povo se encontra. Sair desta condição opressora, segundo Freire, consiste numa educação problematizadora que permite ao indivíduo refletir sobre sua realidade de submissão e com permanente diálogo com seus pares supere sua condição reconhecendo que está no mundo participando ativamente do processo de construção social. E nesse sentido que Freire (2005, p.78) afirma, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”.

Num pensamento freiriano, as propostas pedagógicas podem partir das vivências dos sujeitos, suas necessidades, seus desejos, condição socioeconômica e cultural que os produziu. Assim conhecer e ter em mente o sujeito com que está lidando para que esse supere a lógica do aluno passivo, conduzindo o processo de ensino/aprendizagem considerando que o educando toma parte ativamente do próprio processo de aprendizagem em que está envolvido, como sujeito crítico e ativo. Nesse sentido, corroboro a tese de que se deve “educar com os jovens e adultos e não para os jovens e adultos”, nesta perspectiva freiriana.

Considerando as dificuldades apontadas, o maior desafio a ser enfrentado na EJA é que o educando seja, de fato, o centro da proposta educativa. Há que se desenvolver, cada vez mais, metodologias específicas para esse segmento, que não podem ser uma cópia do modelo aplicado às crianças e aos adolescentes. A legislação assegura que uma das características próprias da EJA está relacionada com a aprendizagem ligada ao mundo do trabalho e o reconhecimento de considerar as experiências e a cultura do aluno, mas ainda há a dificuldade dessas características serem colocadas em prática nos sistemas de ensino.

O reconhecimento do educando como foco principal da modalidade de ensino pode direcionar para mudanças na organização da EJA como, por exemplo: tempo escolar conforme o aluno que será atendido; respeito aos horários possíveis para o aluno trabalhador; respeito à produção de conhecimento avaliado pelo tempo de aprendizagem do aluno; entendimento do espaço de produção do conhecimento para além da sala de aula; busca de novas formas de avaliação reconhecendo formalmente as aprendizagens que são trazidas pelos alunos jovens e adultos quando retornam à escola (KRUPPA, 2005).

Profissionais que atuam nesta área devem compreender o princípio básico que é a realidade dos sujeitos como norteador da organização da escola.

1.2 ALUNOS E ALUNAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

É bem peculiar a visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos ou até mesmo quando inicia sua trajetória escolar na fase adulta. São jovens e adultos com as mais diversas experiências, crenças e valores já constituídos.

Cada aluno possui uma realidade diferente, pois vive no mundo adulto do trabalho com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência e da realidade cultural em que estão inseridos.

A Psicologia Evolutiva Tradicional, por muito tempo, afirmou que o desenvolvimento terminava com o fim da adolescência que representava o auge do desenvolvimento humano e assim concluía-se que na fase adulta estabilizava-se e com a velhice deteriorava-se. Os estudos recentes da Psicologia indicam que o desenvolvimento é algo que dura toda a vida sendo a fase adulta rica em transformações. É maior o acúmulo de conhecimentos, pois oferece uma visão mais ampla e ainda, desenvolve a capacidade de julgar melhor os prós e os contras de uma situação e podem ter ainda uma boa dose de criatividade.

Parte significativa dos alunos da EJA ao escolher o caminho da escola torna-se aberta a aprendizagem, na busca do seu desenvolvimento pessoal. Chega à sala de aula de forma receptiva e com olhar atento e curioso.

A partir deste ponto de vista, acreditamos que os profissionais do ensino da EJA poderiam aproveitar esta inquietude do educando e sua vontade de aprender para propor trabalhos estimulantes, a ponto de provocar questionamentos e visão crítica sobre a realidade desses educandos, revelados pela própria experiência desses.

Neste momento é importante relatar, como exemplificação, desta questão da aproximação da realidade dos educandos, que durante a aplicação das práticas pedagógicas desenvolvidas no Projeto 4 no Centro Educacional 02 do Cruzeiro foi testemunhado no desenvolvimento de uma prática pedagógica, em especial, que tratávamos da necessidade

de serem sujeitos letrados para que tais alunos se tornassem de fato cidadãos e pertencentes à sociedade. Tratamos destas questões reflexivas num sentido crítico e questionador onde foi observada a colaboração de alunos relatando situações do seu cotidiano que comprovavam o discutido em sala de aula. Exemplo por eles dado: a necessidade de saber ler o destino de um ônibus para poder deslocar-se do trabalho para casa.

Conforme o relatado mostra-nos a importância do educador em ter uma postura estimuladora no sentido de manter em seu aluno um olhar ativo, curioso, e que pensa. Sendo o aluno, sujeito problematizador que faz parte do processo de aprendizagem e não como objeto que se manipula e é passivo.

Mas ainda devemos pensar naqueles alunos que vão à busca da escola para adquirir um diploma e cumprir a exigência da sociedade para que nela possam se sentir inseridos e de fato fazer-se um cidadão. Nesse sentido, acabam atuando burocraticamente na EJA e não representam efetivas possibilidades de mudança e assim, não partilham do desejo de conhecimento e não expressam um olhar tão receptivo como mencionado acima.

É relevante observar que esses dois perfis de alunos, de alguma forma, possuem uma bagagem histórica e cultural que deve ser levada em consideração para que se mantenha ou desperte tal olhar crítico, curioso e receptivo. Pois tais alunos possuem traços culturais de origem e sua vivência social, familiar e profissional que influenciam na noção de mundo e na forma que vêem esse mundo.

São várias as questões a serem pensadas: como introduzir essa discussão dos currículos de EJA; como professores podem compreender o mundo do trabalho como gerador de produção de outros conhecimentos; e ainda fazer presente a discussão na EJA sobre o emprego, o subemprego e o desemprego.

Há iniciativas como o PROEJA que reconhecem a importância de aproximar a escola do mundo do trabalho. Seria o ideal unir a escolarização e o trabalho num mesmo ambiente, mas ainda no Brasil a prática é muito diferente, vemos, ainda, alunos da EJA com uma enorme sobrecarga de tempo no emprego informal e ainda tendo que enfrentar a escolarização no horário noturno e é esta exaustão de trabalho desconciliada do meio escolar que dificulta ao aluno o acesso e a permanência na escola. Assim há evidente contradição, pois o mesmo trabalho que exige uma qualificação destes jovens e adultos é também aquele que o leva a abandonar a escola.

1.3 A EDUCAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: COMO DEVERIA SER

Entendemos que as experiências dos alunos podem ser incorporadas como exemplificações de determinado conteúdo a ser abordado em uma aula, trazendo vivacidade ao processo de construção do conhecimento, fugindo da lógica discursiva e aproximando-se da realidade em que vivem esses alunos. Freire (1986, p. 14) reflete sobre o que denomina “educação bancária” e salienta que há o risco do conhecimento tornar-se “uma tarefa imposta aos estudantes pela voz monótona de um programa oficial que não prioriza o método dialógico.” Ou seja, na concepção bancária tem apenas a formação do ser passivo que jamais questiona seu mundo. Para romper com este tipo de educação deve-se direcionar esforços para um movimento de luta pela emancipação e problematização da realidade

A educação bancária mantém uma relação fundamentalmente educador-educandos na perspectiva da existência de narradoras ou dissertadoras, ou seja, há uma simples narração de conteúdos pelo sujeito narrador, o narrador para os objetos pacientes que são os educandos. Além de falar de algo fixo, estático, imóvel que não tem dinamicidade disserta ainda sobre algo totalmente longe da experiência cotidiana desses educandos (FREITAS, 1987).

Observamos a prática de uma educação que lida com a realidade dos educandos como retalhos afastados de uma totalidade e esvaziada de uma dimensão concreta.

Partimos do pressuposto de que é possível oferecer elementos para tornar um conteúdo concreto e dar significado ao que é aprendido a partir de uma aproximação com a realidade em que os alunos estão inseridos.

A realidade vivida por cada aluno e sua cultura, ,deveriam ser levadas para sala de aula e serem consideradas no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem. O alcance dessa prática pressupõe o emprego de metodologias que permitam que a teoria aproxime-se do cotidiano. Esse poderá servir ao surgimento de elementos geradores para um trabalho em sala de aula focado no entendimento do sujeito como pertencente a uma sociedade e nessa desempenhando um papel transformador.

Podemos nesse momento falar da comunicação plena que ocorre entre educador e educando quando ocorre autenticidade no pensar do educador usando da autenticidade no

pensar dos educandos norteados ambos pela realidade (FREIRE, 1987). Ou seja, há uma intercomunicação nesta relação educador-educando quando se reflete juntamente com o aluno e não lhe impondo algo de forma isolada e desconectada da realidade.

Diversos autores abordam a importância da interação do professor com os alunos em uma relação de diálogo que os estimula a confrontar idéias e a se posicionar de forma ativa e inquieta diante daquilo que lhe é apresentado. Essa relação de proximidade entre professor e aluno permite a este, maior segurança para desenvolver suas idéias e expô-las sem receio. Pudemos observar durante as práticas pedagógicas¹ desenvolvidas no Centro Educacional 02 do Cruzeiro como parte das atividades desenvolvidas no Projeto 4². momentos em que estimulava os alunos com exemplos de situações do dia a dia e durante as práticas pedagógicas os alunos relatavam fatos conflituosos da sua realidade. Fatos estes que são desafiadores na sociedade que exigem deles para que sejam cidadãos independentes e esclarecidos. A presença de um professor que propõe questões estimuladoras desperta a confiança do aluno e reafirma sua posição como ser pensante. No trabalho desenvolvido com os alunos da 3ª série do Centro Educacional 02 foi proposto àquele aluno de EJA refletir sobre seu papel transformador na sociedade a qual faz parte á medida que também sofre transformação desta.

Essa questão de cidadãos que são exigidos de forma permanente por uma sociedade dominante nos remete à necessidade de trabalhar numa postura dialógica no sentido de conscientização da posição que ocupam nesta sociedade. Caracterizamos neste momento uma pedagogia humanizadora que conclui a priori a reflexão da situação histórica sendo levada à crítica desta mesma situação e conseqüentemente à vontade de transformá-la (FREIRE, 1987).

Freire (1986) aponta que é interessante enfatizar a necessidade de expor temas da vida diária para uma pesquisa crítica, tais como: as drogas, as amizades, os esportes, a música e segundo o autor há vários fatores motivacionais e esses estão fora da escola, ou seja, ultrapassam, vão além do “muro” da escola e influenciam esses jovens e adultos a desviarem-se da escola. Na experiência em sala de aula desta pesquisadora tentava-se com

¹ Desenvolveremos no capítulo 2 as experiências vividas durante as práticas pedagógicas.

² Projetos Individualizados de Prática Docente com enfoque nos processos de socialização em espaços educativos

a aplicação das práticas pedagógicas lançar mão de tópicos da realidade que vivenciavam. Gerava discussões levando-os refletir sobre assuntos que não eram descolados da vida.

Segundo Ausubel³, discutindo elementos de uma aprendizagem significativa, o conteúdo deve apresentar uma estrutura lógica e um significado concreto, próximo do que de fato vivenciam para que possam interpretar o aprendido conforme suas experiências, não sendo algo distante do que vêem no seu cotidiano. (1977 apud FERNANDES, 2008, p. 39). Hoje, estudantes estão sendo influenciados por tantos assuntos que os levam a outros interesses, sendo assim necessário o professor aproximar-se de suas experiências, interesses e conhecimentos prévios e tornando muito mais palpável o que será aprendido.

Muitos autores afirmam que, levar em consideração as experiências de cada educando interfere diretamente no processo de aprendizagem do indivíduo. Até mesmo o interesse de cada um e a motivação que é dada a cada aluno colaborará em tal processo. (ZABALA, 2007, apud FERNANDES, 2008, p. 40). Sendo assim, é evidente e ativo o papel dos educandos como construtores do processo de conhecimento. E ainda relevante o papel dos professores que colaboram na condução do processo de aprendizagem dos seus alunos apresentando a eles vários tipos de textos, trabalhos dinâmicos e informações que os levem ao questionamento. Estes alunos sejam assim refratários perante o que lhe é apresentado e não aceitando, de imediato, conhecimentos impositivos que não dialogam com a sua realidade.

É algo desafiador para o professor levar para sala de aula e a forma que irá trabalhar com essas experiências do aluno. É necessário que o trabalho a ser realizado seja estimulador e motivador para discussões direcionadas para um sujeito ativo e transformador, possibilitando aos alunos a descoberta de novos mundos.

É observado por Delval (2002, apud FERNANDES, 2008, p. 44) que a motivação surge durante o processo de aprendizagem quando o professor interessa-se pelos verdadeiros níveis cognitivos e afetivos de seus alunos. Sendo conscientes que cada um tem a sua maneira de aprender e ainda em diferentes situações que obriga ao educador ensinar de maneiras distintas, empenhando-se em provocar a motivação intrínseca de diversas formas.

³ FERNANDES, B. *A Prática Educativa e o Estudo do Meio: O Amapá como estudo de caso na construção do conceito de sustentabilidade*. 2008. 254 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Universidade de São Paulo, 2008.

Ciente de todas as deficiências, pré-concepções e nível de desenvolvimento de compreensão do conteúdo em que o aluno se encontra permitem ao professor aproximar-se do aluno e motivá-lo da forma mais resultante e produtiva.

O professor deve interessar-se em como se dá a linguagem autêntica e que grau de alienação os alunos trazem para um estudo crítico e quais suas condições de vida, como fundamentos para o diálogo e o questionamento. Há a necessidade de o professor junto à instituição escolar compreender o meio em que está inserida e assim promovendo diversidade e ajuste de um processo de aprendizagem mais próprio à complexidade da realidade da comunidade a que a escola pertence (FERNANDES, 2008).

Assim, podemos concluir conforme Freire (1986) que não deve estar de forma antecipada e completa na cabeça do professor o que será ensinado, parecendo que, na verdade, já foi aprendido e não permitindo ao aluno colocar-se como sujeito ativo perante o aprendizado que lhe é apresentado.

Neste momento evidenciamos uma característica do modo tradicional de ensino que prima por uma forma automatizada e discursiva de dar aula e que hoje desestimula os professores a fazer experiências e tentar o novo. Fazer diferente do que é esperado traz insegurança e preocupação da aceitação dos alunos, pois até eles estão consumados por uma educação que não inova e nem desbrava novos caminhos de aprendizado.

É estimulante e traz ansiedade um curso que seja desenvolvido junto aos estudantes no mesmo tempo em que vai sendo ministrado (FREIRE, 1986). Permite-nos concluir que o ideal é uma permanente interação com os alunos apresentando-lhes informações reais e concretas próximas a sua realidade, mostrando alternativas para escolhas como cidadãos independentes numa sociedade exigente. Nesse processo o professor pode compreender como se dá o processo de significação para seus alunos. Nesse contexto ele, o professor não se coloca passivamente diante do processo de aprendizagem de cada aluno.

Nas observações realizadas no Centro Educacional 02 do Cruzeiro⁴ foi presenciada a tentativa da professora em trazer para sala de aula fatos que estavam ocorrendo na atualidade. Estávamos em período de eleições, a professora levava folhetos

⁴ Observações realizadas na 4ª série, alunos da EJA, como complemento às ferramentas para apoio ao desenvolvimento do presente trabalho.

que tratavam sobre as propostas de governo dos candidatos e com este material destacava-se o aprendizado de classes gramaticais e outros conteúdos a serem aprendidos que podiam ser retirados dos informativos. Ainda, era discutido o posicionamento dos alunos sobre a atual situação política do país permitindo aos alunos desenvolver postura questionadora e crítica quanto à situação apresentada

Percebemos que para o aluno estar em permanente reflexão crítica de seu cotidiano e ter uma melhor compreensão da cultura a que pertence, o professor deve produzir o conhecimento junto ao aluno e ainda concomitantemente conhecer o conhecimento existente, suas pré-concepções. Neste momento é possível refletirmos sobre o relevante papel do professor de mediador do processo de aprendizado. Leva-nos a refletir sobre o trabalho desempenhado pelo educador numa linha de pensamento exposta por Vigotsky (2008 apud FERNANDES, 2008. p. 47) no que tange à distância entre o nível de desenvolvimento real que é a condição do indivíduo solucionar de forma independente os problemas, e por outro lado o nível de desenvolvimento potencial é quando soluciona problemas com a ajuda de um adulto ou com outros que já sabem como lidar com o problema.

Diante do exposto, compreendemos o conceito da aprendizagem no sentido de colaboração entre as pessoas onde um recebe tal colaboração num determinado momento de deficiência e por sua vez de posse de tal orientação segue “sozinho” no processo de desenvolvimento, integrando o nível de desenvolvimento real, como visto anteriormente.

De posse dessa compreensão o professor tem em suas “mãos” o aprimoramento de suas aulas permitindo aos alunos aproximarem-se cada vez mais da zona de desenvolvimento real e assim concretizando o ideal de uma aprendizagem.

Quando anteriormente citado que o professor além de ser tal mediador do conhecimento junto ao aluno e ainda é necessário conhecer o conhecimento existente, neste momento evidencia-se a importância de considerarem-se as suas vivências e cultura a que o aluno pertence possibilitando ser crítico perante o seu cotidiano. O conhecimento prévio, questões anteriores e o presente nível de desenvolvimento do aluno são considerados como o conhecimento existente que colabora na desenvoltura do processo de ensino/aprendizagem para que novos conhecimentos sejam aprendidos de forma crítica e problematizadora.

Esta relação do conhecimento já produzido, existente, com a produção do conhecimento novo, Freire (1986, p. 18) nos ajuda a compreender observando o conhecimento como um ciclo dividido em dois momentos

que se relacionam dialeticamente. O primeiro momento do ciclo, ou um dos momentos do ciclo, é o momento da produção, da produção de um conhecimento novo, de algo novo. O outro momento é aquele em que você conhece o conhecimento existente.

O professor deve estar atento a esta produção do conhecimento quando se dá a produção de algo novo desempenhando uma posição de interação com aluno e colaboração para que este chegue ao seu nível de desenvolvimento real.

É importante evidenciar a ocorrência da dicotomização dos dois ciclos como se ocorressem isoladamente. Assim, há a redução, desvalorização do ato de conhecer o conhecimento existente a uma mera transferência do conhecimento que não possibilita a curiosidade, o questionamento, a inquietação do sujeito que vive em meio a uma realidade conflituosa externa à sala de aula mas com reflexos no processo de ensino aprendido (FREIRE, 1986).

Nesse momento, podemos refletir no que de fato ocorre nas escolas, uma evidente separação da produção do conhecimento, do conhecer o conhecimento existente transformando-se num espaço para a venda do conhecimento. Comparado a uma produção de produtos, uma linha de produção em uma fábrica que os alunos saem numa forma já pré determinada. Correspondendo à ideologia capitalista que estrutura as escolas como sistemas de distribuição para comercializar idéias e não para desenvolver o pensamento crítico que gera a incerteza e inconformidade diante do conhecimento apresentado (FREIRE, ANO?).

Sendo assim, o ideal, tratar o conhecimento, conforme elaborado por Shor, a partir de colocações de Freire:

A educação deve ser integradora – integrando os estudantes e os professores numa criação e re-criação do conhecimento comumente partilhadas. O conhecimento, atualmente, é produzido longe das salas de aula, por pesquisadores, acadêmicos, escritores de livros didáticos e comissões oficiais de currículo, mas não é criado e re-criado pelos estudantes e pelos professores nas salas de aula (FREIRE; SHOR, 1986, p. 19)

Corroboramos a tese de uma educação integradora onde há uma integração entre professor e aluno no sentido de ocorrer estímulos para o novo, baseando-se no conhecimento existente o qual deve ser considerado como suporte para que se alcance o aprendizado do novo conhecimento.

Ocorre em conjunto, o professor reconhece aquilo que imagina que conhecia, com estudantes que estão começando a conhecer questões novas. Nesse sentido, vários autores apontam para a necessidade de o professor considerar o conhecimento existente dos alunos juntamente com a colaboração da produção de novos conhecimentos, assim ocorrendo o compartilhamento, conforme concluímos de acordo com a citação anterior de Freire.

Vigotsky (2008 apud FERNANDES, 2008, p. 48 e 49) observa a escola com suas especificidades e reflete sobre a necessidade da intervenção docente no que é veiculado por ela. E ainda considera a prática de ensino como prática social, pois o professor no seu papel fundamental é responsável por facilitar as construções cognitivas dos alunos através de recursos de que dispõe. O professor norteia o processo de aprendizado do aluno usando de ferramentas dinâmicas e inovadoras para que se desenvolvam novas estruturas cognitivas.

É importante evidenciarmos a forma dos alunos expressarem-se verbalmente demonstrando sua linguagem cultural que representa todo um referencial cultural que os identifica em sua essência e permitindo ao professor perceber a sua linguagem de massa e não polida e defensiva que agrada somente aos “ouvidos” da língua padrão (FREIRE, 1986).

Evidenciar a cultura, as experiências que determinam o meio dos alunos são relevantes para que se desenvolva um produtivo processo de ensino aprendizagem. Estimular o aluno para que exponha sua vida, problemas que questiona independente da forma que sabe expor, falar sobre as vivências colabora para que aluno e professor aproximem-se intimamente.

Shor (1986) menciona sua forma de trabalhar, que é considerado pelos colegas como um lingüista, pois sua pesquisa se realiza escutando os alunos. E ainda discute sobre a linguagem do cotidiano que trata de pesquisar as palavras faladas e escutadas dos estudantes assim permitindo entrar no mundo deles e visualizar o que sabem, querem e vivem.

Existem as variedades lingüísticas na Língua Portuguesa e devem ser respeitadas considerando que são maneiras diferentes de se falar a mesma língua e não trazem prejuízo ao entendimento (BAGNO, 2008). Vai além, de um simples entendimento de comunicação, mas evidencia as raízes lingüísticas, bem como a cultura a que pertence determinado sujeito, possibilitando verificar qual educação de fato, o jovem/adulto necessita.

A norma padrão foi criada para que existisse um modelo de comunicação nacional. Foram criados parâmetros relativos ao português certo e o errado, selecionando quem fazia, verdadeiramente, parte da sociedade letrada e politicamente aceita como cidadão.

A norma não-padrão é aprendida facilmente pois está no dia a dia diferentemente da norma padrão que requer aprendizado. Muitas vezes pessoas de classe baixa são obrigadas a abandonar a escola por ter que trabalhar cedo ou até mesmo porque não foi levado a sala de aula com respeito a sua diversidade lingüística (BAGNO, 2008).

Respeitar a forma da palavra falada traz uma aproximação da realidade daquele aluno para dentro da sala de aula possibilitando um fluente processo de ensino aprendizado e até mesmo o convencimento do jovem/adulto que, realmente, pertence e é acolhido pela mesma escola que por algum motivo o expulsou no passado.

Com base na descoberta das raízes lingüísticas que o aluno está inserido podem servir de instrumentos para o direcionamento de uma aula a ser dada no que tange a realidade lingüística de cada aluno.

Isto remete a experiência desta pesquisadora em sala de aula na Educação de Jovens e Adultos. Uma das práticas pedagógicas desenvolvidas vai ao encontro das teorias de Shor (1986). Foi proposta uma atividade denominada tempestade de idéias, que pressupunha que os alunos mencionassem palavras vinculadas a um determinado contexto. Essas foram registradas no quadro e seriam instrumentos de trabalho para discutir, em sala de aula, “pedaços” da realidade permitindo-me, assim, acesso ao seu cotidiano, independente de se utilizar ou não uma língua padrão.

Palavras são proferidas do universo vocabular do alfabetizando e após serem transfiguradas pela crítica retornam a ele com ação transformadora do mundo. É realizada uma prévia pesquisa que busca palavras faladas do educando. Essas palavras são chamadas

geradoras, pois na elaboração de seus elementos básicos proporcionam a formação de outras novas (FREIRE, 1987).

É interessante registrar a proximidade e intimidade que se criava na minha relação professora com os alunos possibilitando pesquisar sobre os seus assuntos e estar consciente dos níveis de desenvolvimento em que se encontravam e não estabelecendo uma formalidade no tratamento com os estudantes, na forma de falar e escrever com uma linguagem falsa e defensiva. E ainda não ocorrendo preconceitos lingüísticos permitindo-me adentrar na sua realidade como de fato ela se mostra.

Com este pensamento de tentativa de adentrar o mundo do aluno, o professor consegue formular um trabalho motivador estabelecendo um fator básico em uma sala de aula libertadora que investiga seus próprios alunos animando-os a estudar tanto os textos da matéria como sua própria linguagem e realidade.

Numa reflexão da educação como prática da liberdade pensa na relação de homens com o mundo e não um mundo sem homens e nem homens sem um mundo. Nesse sentido o mundo não pode ser apenas mundo precisa de homens para que se detenha de tal denominação e para que tal mundo tenha assim uma consciência, o mundo da consciência (FREIRE, 1987).

No reconhecimento dessa relação homem e mundo na prática problematizadora o educando desenvolve o seu poder de captação e de compreensão do mundo, como uma realidade em transformação, em processo. E ainda não há uma separação do pensar em si mesmo e no mundo, mas sim simultaneamente pois a forma que irão atuar neste mundo será pelo reconhecimento de como se percebem nele.

Adotar uma pedagogia autoritária não permite a liberdade que é ideal à criatividade sendo esta necessária para se aprender. Os dominados por esta pedagogia falam diversos idiomas adaptando-se a situação em que se encontram. Empregam uma linguagem defensiva e construções artificiais, o Português padrão, que de alguma forma agradam aos professores, mas que não permite descobrir o que realmente os estudantes sabem, querem e podem fazer (FREIRE, 1986).

Esta pedagogia autoritária numa prática bancária inibe o poder de criação dos educandos e já a educação libertadora almeja permanentemente num ato de desvelamento da realidade (FREIRE, 1987).

Em muitos momentos pude vivenciar da experiência de Shor (1986) quando tratava de certos assuntos em sala de aula no desenvolvimento das práticas pedagógicas do Projeto 4, percebia a tentativa dos alunos em usar dos melhores vocabulários, de forma formal para explicar o seu entendimento sobre o assunto e quando não usavam falas não-defensivas me permitia aprender sobre sua cultura, sobre consciência de massa. Este momento era quando os estimulava a dizer sobre sua realidade onde mostravam uma motivação evidente e muito mais animados, traziam suas dificuldades cotidianas para sala de aula sendo estes fatores de dificuldade de aprendizado que deveriam ser levados em conta com uma considerável importância para nortear de forma produtiva o processo ensino aprendizagem.

Fato este que trazemos aqui neste trabalho, numa tentativa de compreender que de alguma forma os problemas, a vida dos alunos são influenciadores num aprendizado apontado para transformação.

“Se percebem o entusiasmo do professor quando este lida com seus próprios momentos de vida, podem descobrir um interesse subjetivo na aprendizagem crítica.” (FREIRE E SHOR, 1986, p. 35)

A motivação intrínseca que se evidencia se dá pela relação dos alunos com a matéria no que pode trazer para a sua realidade e os ajudam a pertencer a uma sociedade exigente que requer um posicionamento de cidadãos letrados e independentes. E ainda tal motivação surge nas relações sociais em classe onde retiram muito aprendizado além das paredes da escola. Exemplifico essa situação com uma das observações em sala de aula na qual duas alunas fizeram um acordo registrado em um cartaz de como deveriam se comportar na classe, como por exemplo, “não ficar calado enquanto tiver dúvida”; “não ter vergonha de ler e nem escrever” e outro tópico considerado por elas o mais importante e colocado no cartaz com destaque, “pedir ajuda aos colegas, pedir explicação, ler e falar sua opinião”.

Para que desenvolva o crescimento da instrução de cada aluno não se deve retirar o contato crítico e impaciente dos temas de seu próprio mundo. Tais temas estão sortidos de tantas indagações e inquietudes que nos permite entrar e sair da vida cotidiana, estudando o comum de uma sala de aula (FREIRE, 1986).

Com isto afirmamos a riqueza de trabalhos a serem lançados numa sala de aula de posse das próprias vivências dos alunos. Permitindo-nos transpor com mais facilidade e plenitude o processo de aprendizagem, a partir, do momento que consideramos com real valor os problemas de família, os problemas de trabalho, os problemas de escola, os problemas de transporte e tudo que faz parte de uma realidade conflituosa a que pertencem.

Durante a observação de sala de aula pela pesquisadora foi testemunhada a postura de uma professora que se importava com as vivências e com o meio cultural dos seus alunos. Com isso trazia para sala de aula conteúdos que levassem esses alunos a um posicionamento crítico, questionador e reflexivo sobre determinado aprendizado. Tal professora demonstrava tentar superar os paradigmas de uma educação tradicional, na qual se enche o quadro de muitos exercícios e os alunos reproduzem, aprendem de uma forma automatizada e passiva.

É relevante registrar a impaciência e a rejeição dos alunos a um ensino que os faz pensar e refletir. Em seus depoimentos há uma conotação de que se sentem enganados. Entendem como perda de tempo as discussões que promovam construções coletivas e reflexões mais aprofundadas. Em seus relatos mencionam com certa nostalgia uma antiga professora que os soterrava de tantos exercícios passados no quadro e quando copiavam muito, sem tempo para conversar. Sendo interessante observar que assim possuíam a sensação de aprender, não percebendo um caráter mecânico que não os faz refletir.

Diante do exposto, vemo-nos compelidos a refletir sobre a ênfase dada numa educação tradicional e melhor aceita pelos alunos na qual se sentem mais produtivos e de fato aprendendo.

Percebe-se ainda pelos depoimentos que os alunos estão consumados por um aprendizado pronto sem inovações. Infiro que isso ocorre devido ao receio de arriscar o novo, protagonizar seu próprio destino, não estando conscientes do poder de refazer a sociedade. Numa linha de pensamento e ideais libertadores onde o sujeito impõe-se e reconhece-se em uma identidade na sociedade a que pertence, observamos a dificuldade no reconhecimento do poder que professores e alunos exercem em produzir conhecimento em classe.

Desvelar-se de uma posição opressora é transpor barreiras de uma sociedade dominante governada por interesses de grupos, classes e nações dominantes. Permitindo-nos chegar à seguinte conclusão de Freire (1987, p. 9):

A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

Há uma acomodação em seguir o que é padronizado, oficial e até mesmo melhor aceitação pelos alunos que estão contaminados com uma postura submissa como postula Freire (1987), que nos descreve a aceitação de uma educação opressora, baseada no sistema capitalista, pelos menos favorecidos onde estes não têm a consciência de estar num papel de oprimido. Com isso Freire (1987) denomina como um “parto” a libertação dessa classe oprimida que usa a educação como um depósito de conhecimentos desempenhando um papel passivo, sem senso crítico.

“[...] e um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.” (FREIRE, 1987, p. 35).

Cria-se uma dualidade, pois é mais fácil manterem-se alienados do que desalienarem, seguir prescrições do que terem opções, ser espectadores do que ser atores, não ter voz do que dizer a palavra e assim são podados na sua capacidade de criar e recriar e de transformar o mundo.

A idéia de depósitos se dá através de uma narração feita pelo educador que conduz o educando a memorização mecânica do conteúdo narrado que “enche” as “vasilhas”, “recipientes” de conteúdos que os educandos são considerados os melhores se deixarem docilmente “encher” (FREIRE, 1987).

Nesse sentido não há criatividade, pois só ocorrerá transformação e saber na invenção, na busca incessante e inquieta de inserção no mundo como transformadores dele (FREIRE, 1987).

Essa educação sem inovações ligada ao que já é esperado, automatizada e que consiste numa pedagogia pobre com um currículo passivo feito por aulas expositivas, promove a autoridade dominante na sociedade e desativa o potencial criativo dos alunos. A partir do momento em que conscientizamo-nos seres humanos conscientes, que somos

condicionados pela ideologia dominante assim nos possibilitará aprendermos a nos libertar e a pensar na transformação.

“Pedagogia que se faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.” (FREIRE, 1987, p. 32).

Cientes do seu papel oprimido poderão ter um comportamento de incomodação e luta por uma libertação passando a ser sujeito que participa ativamente do seu processo de ensino aprendizagem.

A professora observada tenta superar essa dominação inserindo aos poucos uma educação inovadora e reflexiva. Apesar de muitas vezes ter que lançar mão de estratégias consideradas tradicionais na sua forma de ensinar, agindo como a professora lembrada por eles, para que seja mais bem aceita, coloca-se num papel de um educador tradicional, retomando as estratégias preferidas pelos alunos.

Deve-se observar que mesmo sendo esses pensamentos de Freire numa época em que a educação tentava vencer barreiras de uma Educação de Jovens e Adultos resumida a alfabetização, ainda vivemos a dificuldade de termos uma educação que cria e recria transpondo barreiras da passividade e colocando em prática uma postura libertadora.

A tentativa de praticar uma educação libertadora está sujeita a sofrer rejeição dos próprios alunos, pois há a dominação do velho sistema escolar onde é natural a imposição da leitura de milhões de livros em um semestre e não compreendendo quando lhe é exigida a leitura de apenas um texto em que se possa refletir criticamente de forma questionadora e consequentemente trazendo mais aproveitamento e aprendizado.

A razão principal da educação libertadora está numa idéia conciliadora entre educadores e educandos assim permitindo a superação da contradição educador-educandos (FREIRE, 1987).

Em minhas observações pude testemunhar reclamações de alunos que não se agradavam das aulas pois declaravam “é muito bate-papo e vim aqui pra escrever e aprender”, considerando aquele tipo de aula como perda de tempo. Os alunos fazem o tempo todo comparações com professores de séries anteriores afirmando que antes, realmente, aprendiam.

“Dentro dos marcos concretos em que se fazem duais é natural que descreiam de si mesmos.” (FREIRE, 1987, p. 50). Não se acham no direito e nem se oportunizam de discutirem com idéias próprias sobre um assunto problemático e fazerem-se, também, “doutor” do saber. “Desculpe, nós devíamos estar calados e o senhor falando. O senhor é o que sabe; nós, os que não sabemos”.⁵

Os alunos posicionam-se com um comportamento relutante perante as atividades que os fazem refletir e questionar, ainda apresentam-se enraizados em uma postura passiva.

Em muitos momentos pude observar e até mesmo afirmada tal atitude pela professora em trazer vários exercícios de certa forma extensos e trabalhosos para que pudessem estar satisfeitos com uma suposta pedagogia tradicional. Pois observei comportamentos de impaciência de alunos e até um determinado desestímulo na participação da aula, julgando desnecessário aquele “blá blá...” como se não fosse proveitosa a aula ministrada pela professora que trazia o diferente, o novo para sala de aula.

Esta pedagogia tradicional em que podemos nos referir à educação “bancária” já comentada em outro momento, podemos concluir nesta fase do nosso trabalho que para esta educação é ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos e ainda mantém a contradição entre educador-educandos: o educador é o que educa, os educandos os que são educados; o educador é o que sabe, os educandos os que não sabem; o educador é o que pensa, os educandos os pensados; o educador é o que diz a palavra, os educandos os que escutam docilmente; o educador é o que disciplina, os educandos os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção, os educandos os que seguem a prescrição; o educador é o que atua, os educandos os que têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático, os educandos jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele e finalmente, o educador é o sujeito do processo, os educandos meros objetos (FREIRE, 1987).

A professora que trabalha na sala de aula observada prima por um trabalho que leva em consideração a realidade em que esses alunos estão inseridos levando-os a refletir e ter uma postura crítica e ativa perante a sociedade. Ela declarou que de fato norteia o processo de ensino/aprendizagem na linha de pensamento de Paulo Freire que consiste ser

⁵ Fala de um camponês para um educador que após alguns momentos de discussão viva em torno de um tema que lhe é problemático. Relatado na experiência educativa por Freire (1987, p. 50).

libertadora e proporcionando em seus alunos um posicionamento autônomo. Permitindo aos alunos que saibam colocarem-se de forma impositiva na exigência de seus direitos e cientes de seus deveres perante a sociedade a que pertencem.

Em muitas observações foi verificada a tentativa da professora em discutir com os alunos as leituras propostas, principalmente a partir de um enfoque político. Encontrávamos no período de eleição com isso a professora levava para sala de aula revistas semanal com entrevista de um candidato ao Governo do DF na tentativa de fazer os alunos refletirem de forma questionadora sobre o assunto.

O período de eleição trazia diversas escolhas políticas/partidárias e posicionamentos em relação o quadro político em que o país encontrava-se, dessa forma a professora tentava estimular o posicionamento dos alunos na intenção de treinarem o seu papel de verdadeiros cidadãos cientes dos seus deveres e direitos. Com isso trazendo uma discussão reflexiva e coletiva junto aos alunos para que possam conscientizar do seu papel ativo como eleitores.

Apesar da postura persistente da professora em colocar em prática uma educação libertadora observa-se ainda que alunos preferem as antigas formas de aprendizagem obrigando a uma transição gradual. Prevaecem ainda os velhos hábitos enraizados numa consciência de que os cientistas/professores não devem interpretar e nem mudar a realidade, mas somente descrevê-la, reafirmando a neutralidade e objetividade da ciência numa compreensão do ato do conhecimento.

A formação dos estudantes com atividades pretendidas dessa maneira, com este pensamento neutro, pelos alunos os leva a observar as coisas sem julgá-las e ainda ver o mundo da forma generalizada e politicamente aceitável como se a sociedade fosse imóvel e sem defeitos.

“Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.” (FREIRE, 1987, p. 60). Assim permanece a desvalorização à criticidade e muito menos há o desvelamento do mundo e sua transformação.

Nas práticas pedagógicas aplicadas no Centro Educacional 02 do Cruzeiro do projeto 4 foram desenvolvidas atividades pela pesquisadora com a intenção de trazer para

sala de aula o que eles de fato queriam, viviam e questionam no seu dia a dia. Assim motivando-os ao aprendizado concreto e próximo a sua realidade.

Reflete-se nesse momento a educação libertadora que era o foco de luta de Paulo Freire que tentava buscar na educação uma possível transformação na sociedade e é com esse objetivo que a pesquisadora levou para sala de aula reconhecendo a importância de serem consideradas com grande valor as experiências e a realidade cultural dentro da classe, sendo fatores norteadores no processo de aprendizado.

E ainda numa linha de pensamento de Freire o método primordial é o dialógico que permite entrar na intimidade da sociedade observando e compreendendo seu contexto político e histórico e ainda ter uma real razão de ser de cada objeto de estudo. Verifica-se um ato de conhecimento e não uma simples transferência automatizada de conhecimento.

Superar a contradição entre educador e educando é o que impõe a educação libertadora, pois educandos e educador se misturam numa relação dialógica confirmando uma educação problematizadora. Esta superação entende-se como um pleno entendimento entre educador e educando (FREIRE, 1987).

A educação problematizadora não dicotomiza o momento em que se prepara para a sua aula e o momento em que leva para sala de aula numa idéia de trabalhar juntamente com os alunos e não somente expor aos seus alunos o conteúdo. Nesta prática problematizadora o educador problematizador que refaz com o educando que este se torna investigador crítico em diálogo com o educador.

Refletimos o professor que se coloca ao lado do aluno e não para o aluno de forma a mediatizar uma reflexão crítica de ambos, permitindo reconhecer que não é possuidor do saber, mas que seu aluno ainda tem um pré conhecimento a ser exposto colaborando no processo ensino aprendizagem. Consequentemente, colocando em prática a dialogicidade com o educando.

É interessante mostrar neste momento uma nova denominação que aparece através do diálogo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador.

“Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 69).

Concluimos a fusão de funções que ocorre na relação dialógica onde o educador não é mais somente aquele que educa, mas enquanto educa é educado e o educando ao ser educado, também educa. Assim nos mostrando um evidente crescimento em conjunto e ambos tornando-se sujeitos do processo sem evidenciar nenhuma autoridade, pois nesta idéia não há mais lógica para que haja o “dono da palavra”.

Com as observações tenta-se propor com um enorme esforço de se praticar o diálogo entre professor e aluno no qual cada um insere no processo de ensino/aprendizagem sua parte de contribuição na transformação ativa do sujeito em desenvolvimento.

Podemos refletir sobre a palavra como Freire (1987) nos mostra que a palavra falada na ação de reflexão possibilita o diálogo. O ser humano necessita pronunciar-se e não ser silencioso para que assim possa transformar o mundo.

Freire (1987) questiona como pode dialogar se não mantém amor nesta relação dialógica e vejo no outro a minha ignorância que não passa de um ser inferior. Aceitar a contribuição do outro sem sentir incomodado sem medo de ser superado. E ainda a importância de se ter fé nos homens, no poder em que tem de recriar antes mesmo de conhecê-los.

A pesquisadora fez um trabalho confiando que podiam produzir muito mais do que somente era passado de conteúdo aos alunos, pois foi observado neles uma vontade de ser mais e querer transpassar todos os obstáculos. Era evidente um poder de fazer e transformar, como Freire enfatiza que tende a renascer a todo o momento mesmo que em outros momentos sejam intimidados e ter este poder prejudicado. E foi observado a confiança em que se instalava na relação horizontal que se fazia entre esta pesquisadora e o aluno. “professora gostaria que você me ensinasse matemática na minha casa” esta fala ocorreu em particular com uma aluna após uma dinâmica em que foi realizada uma “entrevista” com os alunos para saber sua origem, o porquê de estarem na EJA e outras questões que mostravam o interesse pelas vivências desses alunos que poderiam ser trabalhadas com a devida importância em sala de aula.

O aluno identifica, no professor quando o estimula, a possibilidade de libertar-se, pronunciar-se, e conseqüentemente manifestar o poder de fazer, de criar, de transformar, mostrando-se criativo e reflexivo.

Colocar em prática e ter consciência de uma educação libertadora é algo difícil em meio a essa ideologia dominante em que a metodologia tradicional está muito enraizada e incorporada na rotina dos professores e até mesmo dos alunos que se sentem mais seguros em receber um aprendizado passivo, onde reinventar o conhecimento de forma crítica a partir de uma posição na sociedade é fora do que se espera no sistema escolar.

“E isto ainda, porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que os opressores existam [...]”. (FREIRE, 1987, p. 45). Por isso ainda é evidente esta ideologia dominante que se faz manter com “força” uma metodologia tradicional nas escolas para que cada um mantenha-se no seu papel de verdadeiras pessoas humanas (opressores) como são considerados e de coisas, todo o restante (oprimidos).

Hoje, ainda, há uma enorme dificuldade de se colocar o aprendizado de forma concreta e palpável na experiência dos alunos pois não há uma compreensão da sua linguagem e suas expectativas. Muitos anos levaram-se e serão necessários para desvelar os obstáculos à aquisição de uma aprendizagem crítica, entre esses obstáculos podemos citar: a inconsciência de um professor, como também a invasão de mecanismos culturais que submergem os alunos numa cultura de massa que os deixam inativos para um aprendizado ativo e prático com sua realidade.

CAPÍTULO 2

EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO DF: ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Análise das práticas pedagógicas aplicadas na turma da 3º série da EJA do Centro Educacional 02 do Cruzeiro Novo para realização do Projeto Individualizado de Prática Docente 4 onde os dados gerados foram usados para reflexão desse trabalho:

A primeira prática pedagógica aplicada foi o Círculo de Cultura que prioriza o diálogo, a participação e trabalho em grupo respeitando sempre um ao outro. A realização desta prática pedagógica foi na tentativa de aproximar-se da turma, conhecê-la e até mesmo permitir que os alunos se conhecessem. De posse das informações daria início a uma metodologia que pensa o aluno como centro da proposta educativa e consciente que o aluno leva consigo sua história de vida, suas necessidades, seus desejos, sendo estes, tópicos da prática pedagógica, pois todo este contexto socioeconômico e cultural, o aluno irá levar para sala de aula. A turma apresentava uma baixa condição econômica retratada por seus empregos por eles relatados, como: empregadas domésticas, mecânico, manicure, sendo o suficiente para, somente, a sobrevivência da família e conseqüentemente possuíam uma baixa renda familiar.

Com as perguntas-base, conforme anexo (Projeto 4) foi iniciada uma discussão informal onde os alunos relatavam a sua trajetória escolar até chegarem na EJA, sua naturalidade, a realidade em que vivem, o que entendem de educação e relataram a necessidade de estarem na escola.

Todos estavam muito atenciosos à prática pedagógica e ficavam surpresos pelas coincidências com os outros colegas, como no caso, de serem naturais da mesma região. Interessante frisar, que a maioria relatava uma infância distanciada da educação escolar tendo muitas vezes a necessidade de trabalhar, estudar não era prioridade. E até por dificuldades do local em que residiam não podiam ir para escola, pelo simples fato de ser

muito distante de onde moravam. Assim foram identificados sujeitos vítimas da exclusão social que buscam um lugar na sociedade como dignos cidadãos. Hoje passam por necessidades econômicas, certa diferenciação social por não terem tido a escolarização no tempo certo. Entendem a educação como algo essencial para serem reconhecidos e melhor posicionados na sociedade, com isso levando-os a necessidade de estarem na escola.

A segunda prática pedagógica foi utilizada a técnica tempestade de idéias na tentativa de alcançar a real necessidade da turma focando em suas dificuldades de aprendizado. Idéias são extraídas da discussão como palavras-chaves, as quais foram: emprego, aprender (educação x trabalho), cidadão (sociedade x identidade), saúde (dificuldades físicas para estar presente nas aulas) e ler jornal (informação do seu próprio país) em torno de um assunto (Trabalho e Educação) para que sejam desenvolvidas, tornando-se tópicos das próximas aulas e com isto permitindo aos alunos trabalharem juntamente com o professor, expondo suas pré-concepções e concepções que devem ainda ser melhor esclarecidas. Visualizamos neste momento um aluno que faz parte do processo de ensino aprendizagem de forma ativa e crítica e não sendo passivo como objeto deste processo.

Desta forma é possível concretizar uma aproximação baseada na confiança do aluno com o seu professor onde os dois trabalham juntos em prol do processo de ensino aprendizagem. O professor aproximando-se da realidade do aluno, buscando compreender como se desenvolve o seu aprendizado assim demonstra interesse pelo aluno e este se sente seguro em ser participativo.

Percebi durante a aplicação desta prática pedagógica a empolgação dos alunos em perceberem que poderiam expor suas idéias e que seria dada a devida importância ao que fosse colocado por eles no desenvolver da prática pedagógica. Ainda era discutido o que poderia ser explanado sobre cada tópico onde exemplificavam com próprias situações vividas por eles, trazendo a realidade para sala de aula.

Nesta prática pedagógica os alunos traziam a real dificuldade de pertencer a uma sociedade que exige a alfabetização para que possam ser considerados como pleno cidadão ciente de seus direitos e deveres. Com isto foram expostos vários motivos, exemplificados pelo cotidiano, que os levam a sentirem-se excluídos desta sociedade como: não ser

alfabetizado não podem simplesmente usar um caixa eletrônico de um banco; pegar um ônibus é necessário saber ler o destino do ônibus; saber escrever para o simples preenchimento de um formulário de admissão de um emprego e até a dificuldade de manter-se informado através da leitura de jornais e revistas. Estes exemplos, também, justificam estarem numa turma de EJA enfrentando todos os obstáculos físicos, mentais, psicológicos e sociais.

A terceira prática pedagógica, posso afirmar, que permitiu estar mais próximo do mundo deles que é o mundo do trabalho. A intenção era de verificar como se sentem em relação ao seu trabalho, pois afinal a maioria pertence à realidade de trabalhar durante o dia e estudos à noite.

Foi solicitado para que fizessem um desenho, conforme anexo (Projeto 4), que retratasse como se sentem em relação ao trabalho que desempenham atualmente. A opção de desenharem foi devido à dificuldade que ainda apresentavam em escrever. Com o desenho poderiam ser regatadas mais informações e era opcional se quisessem escrever.

O que posso extrair desta prática pedagógica e numa análise desses desenhos, era a nítida insatisfação dos alunos com o seu trabalho atual, pois permanecia em tal emprego somente para sobrevivência e como relatado por uma das alunas, ela estudava para conseguir uma profissão melhor, que lhe trouxesse satisfação e já outros afirmavam estar bem na função que desempenhava como o aluno X que gostava da sua atividade e ainda como a aluna Y que afirmou ter conseguido com o trabalho o maior bem que possui, a casa própria.

Concluo a busca incansável desses alunos pelo melhor, por um posicionamento de independência na sociedade não se sentindo explorados, excluídos. Como a empregada doméstica que afirmava ter sua patroa “no pé” o tempo todo, que não se sentia útil, e o desempregado que almejava estar bem sucedido futuramente e poder aproveitar sua vida, dignamente, como qualquer outro cidadão.

Na quarta prática pedagógica em continuação da prática pedagógica anterior foi estudado no que consistia o trabalho (emprego) focado na relação empregado (realiza o

trabalho e não possui meios de produção) e o empregador (organiza o trabalho e possui os meios de produção).

Com algumas perguntas, conforme anexo (Projeto 4), a intenção era formar um trecho sobre o assunto da prática pedagógica com a participação de toda a turma permitindo-os exporem o que compreendiam da relação empregado e empregador e quais motivos justificavam, na opinião deles, a necessidade de ter um trabalho.

Todos se mostravam empenhados em lançar sua colaboração, o seu ponto de vista, assim demonstrando uma satisfação em poder participar ativamente do conteúdo a ser exposto em aula.

Com o trecho elaborado sobre o emprego: “É uma atividade que fazemos para as outras pessoas para ganhar um salário e poder realizar os nossos sonhos. Para que possamos sustentar as nossas necessidades.” Pude observar que estão consumados pela idéia passiva na relação em que se dá o empregado perante o empregador no trabalho. Ocupam um papel de oprimido que se submetem a regras trabalhistas impostas por aqueles que ocupam um nível mais privilegiado nesta relação. E ainda conscientes ou convencidos que para alcançar seus projetos idealizados precisam trabalhar muito ocupando esta posição de submissão no mundo do trabalho. Mantêm a idéia de ter um trabalho como somente um fator de sobrevivência.

Podemos refletir nesta relação de passividade na relação do trabalho que é alimentada desde a educação onde o aluno coloca-se numa posição de somente receber o aprendizado e não participar ativamente no processo de ensino aprendizagem. O sujeito deve impor-se, refletindo a sua história e conscientizando da sua identidade na sociedade a que pertence.

Na quinta prática pedagógica a intenção era permitir aos alunos refletirem a educação como direito de todos onde foi usado um texto base, conforme anexo (Projeto 4), para serem desenvolvidas as idéias dos alunos sobre o assunto.

Pude perceber a dificuldade em compreenderem no que consistia a EJA, demonstrando não estarem cientes nem mesmo do grupo a que pertenciam. Assim reflito no aprendizado em que esses alunos têm adquirido no percurso da EJA num sentido de não esclarecimento da sua própria identidade histórica, de entendimento de que pertencem a

determinado grupo que não teve uma educação no tempo devido sendo excluídos da sociedade.

A maioria somente copiava, de forma automatizada, as respostas do texto não refletindo e nem interpretando as respostas, demonstrando mais uma vez a questão passiva do aluno no processo de ensino aprendizagem não sendo questionador perante os assuntos problematizadores que lhe são apresentados. Através da última pergunta: “O que você sugere para convencer adultos de que o processo de educação ainda faz sentido?” é possível observar a resistência em expor suas idéias com clareza e convicção mostrando não serem possuidores de opiniões formadas sobre um assunto que os afetam diretamente.

A sexta prática pedagógica foi elaborada na tentativa de construir conjuntamente com os alunos o percurso histórico de cada um iniciando da sua origem até a presente condição como cidadão em que se encontram e ainda sendo expostos os motivos que os levaram integrar uma turma da EJA. Com isto puderam refletir de forma crítica na sua trajetória de vida.

A prática pedagógica foi nomeada: Geografia como relação de poder, pois se estudando o lugar compreende-se melhor o mundo. Indivíduos procuram um melhor lugar na sociedade de acordo com o ajustamento social e econômico de cada lugar.

Um dos objetivos era situá-los nas regiões do Brasil principalmente, nos Estados de origem dos alunos, trazendo informações importantes sobre os Estados que muitas vezes justificam a saída da grande maioria dos seus Estados levando-os até onde estão atualmente. Foram enfatizados os fluxos migratórios do Nordeste (região de origem da maior parte da turma) com a demonstração de mapas e dados pesquisados descrevendo a saída de tais Estados. Ainda com o mapa de concentração industrial foi apresentada aos alunos a concentração industrial em grandes capitais levando-os a concluir o porquê de um grande contingente a procura dessas capitais, isso foi uma das observações de um dos alunos que chegou a tal conclusão perante a turma, mantendo assim uma aula participativa.

Com a apresentação das regiões eram questionados os motivos que os levaram a sair dos seus Estados possibilitando-os analisar a própria situação migratória.

Observo a dificuldade em situarem-se espacialmente e de até exporem de forma compreensiva o porquê de saírem dos seus Estados de origem não sendo possível uma

discussão reflexiva sobre o assunto. Somente foi exposto a intenção de um melhoramento das condições financeiras na saída de seus Estados de origem.

Na sétima prática pedagógica foi pensado no trabalho formal x trabalho informal este tendo sido mencionado na prática pedagógica anterior, refletindo, no sentido, de uma grande demanda direcionar-se para grandes capitais e estas por não comportarem tal contingente surge o trabalho informal. Sobre o trabalho informal foi solicitado para que pesquisassem e assim nesta prática pedagógica possamos discutir de forma questionadora.

Foi refletido juntamente com os alunos sobre a falta de reconhecimento do trabalho informal pelo Estado apesar de ser grande o número de autônomos pelo motivo de não terem lugar numa ocupação formal ou até por quererem ter uma determinada independência de empreendimento. Com esta discussão houve um reconhecimento da maior parte dos alunos em pertencerem a este grupo informal. Foi refletido sobre nosso atual sistema capitalista que fortalece o trabalho formal onde o trabalhador mantém um papel de dependência em relação aos detentores dos meios de produção, sendo esta a explicação de ser maior o apoio do Estado às ocupações formais.

Foi interessante observar o entusiasmo dos alunos no assunto, pois de alguma forma identificavam-se na ocupação informal, como aqueles que trabalhavam de camelô. Ainda concordavam sobre a ocupação formal ter uma perspectiva de submissão às regras trabalhistas para que possam ter o seu devido reconhecimento na sociedade como um cidadão.

No material usado para aplicação desta prática pedagógica foi levado aos alunos a definição de Trabalho Informal e Formal e ainda de Trabalho Precarizado onde este último seria uma segunda denominação para o Trabalho Informal, conforme anexo (Projeto 4). É interessante analisar como foi refletida com os alunos a idéia que traz o Trabalho Informal de que está a margem do que é legalizado, pois não estão dentro da legislação trabalhista sendo colocados de forma excludente da sociedade. Com esta reflexão permitiu aos alunos concluir que tais trabalhadores da ocupação informal que investem numa independência da sua atividade econômica são excluídos por estarem fora das regras do atual sistema: o Capitalismo.

Os próprios alunos testemunharam a necessidade de possuírem uma ocupação formal, pois lhe trazem mais garantias e segurança e conseqüentemente uma certa estabilidade.

Numa pequena introdução sobre o Capitalismo foi abordado historicamente o surgimento do sistema capitalista onde foi resgatado sobre a Revolução Industrial como um novo termo ao conhecimento dos alunos onde na próxima prática pedagógica seria melhor explanado. Inicialmente somente foi solicitada uma pesquisa sobre o termo.

Na oitava prática pedagógica foi usado um filme para tratar sobre a Revolução Industrial trazendo dinamismo e estimulando-os a um maior interesse pelo assunto.

Foi apresentada uma noção histórica do surgimento da Revolução Industrial para alcançar um entendimento sobre o sistema capitalista vigente nos dias de hoje. Foi esclarecido e observado o entendimento sobre a relação de dependência entre o empregado e o empregador pois aquele não tem mais o controle do processo produtivo, nem a posse da matéria-prima, do produto final e do lucro.

Com esta discussão puderam conscientizar-se, na maioria, da própria posição de dominados e explorados que ocupam na atual sociedade em que vivem, impulsionando o sistema capitalista. Puderam expor seus pontos de vista de forma questionadora, crítica e reflexiva como sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem.

Nesta prática pedagógica posso afirmar um maior entrosamento dos alunos devido ao dinamismo da prática pedagógica e também por sentirem-se tão próximos do assunto estudado, pois se viam introduzidos, pertencentes, participantes ao que era explanado.

Foi passada uma parte do filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin trazendo vivacidade ao que, anteriormente, foi introduzido no sentido da máquina suplantar o trabalho humano e este vende sua força de trabalho para satisfazer suas necessidades para própria sobrevivência e os lucros mantêm-se nas mãos do empregador. Reforça-se a relação de exploração.

Os alunos tiveram a possibilidade de visualizar como se deu a Revolução Industrial trazendo mais interesse e participação nas discussões posteriores para compreensão do atual sistema capitalista.

Ainda foi realizado um trabalho em sala de aula com cartolinas colando fotos retiradas de revistas que retratavam o sistema capitalista. Na ocasião mostravam-se muito interessados. Nas fotos coladas pude observar que haviam compreendido o assunto discutido, pois retratavam bem a idéia do capitalismo. Em algumas figuras que tinham dúvida tentavam esclarecer e procuravam saber se estavam acertando, mostrando enorme interesse pela dinâmica. Algumas vezes, mostravam-me a figura e ainda explicavam o porquê daquela representar o capitalismo, sendo evidente o entendimento dos alunos ao que foi ensinado. Muitas figuras eram de aparelhos eletrônicos mostrando a tecnologia crescente de hoje e outras eram de operários em linhas de produção e trabalhadores em sua atividade profissional.

Na discussão, foi interessante um dos alunos mencionar o exemplo do sapateiro que produzia sapatos em pequena quantidade e possuía todas as ferramentas para aquela produção e hoje é produzido em grande quantidade onde o sapateiro é um simples operário e não mais possuidor dos meios de produção e participante, somente, numa determinada parte da produção deste sapato.

Era nítido o entrosamento dos alunos na tentativa de esclarecer dúvidas e compreender o assunto e ainda a satisfação deles em ver pronto um trabalho feito por eles. Assim me trazia a confirmação de ser ideal a estratégia de aula onde o professor busca aproximar-se do mundo do aluno possibilitando-o ser ativo no processo de ensino aprendizagem.

Na última prática pedagógica o objetivo era de refletir sobre as próprias profissões dos alunos e sobre outras profissões direcionando a discussão tendo em mãos as definições que foram abordadas nas práticas pedagógicas anteriores.

Foi refletido sobre as concepções de ter uma profissão, pois envolve um prestígio social de acordo com a profissão ocupada e um reconhecimento pela sociedade e ainda uma satisfação pessoal.

A finalidade era de observar se os alunos tinham satisfação pela própria profissão.

Para cada profissão sorteada, a maioria retirada foi relacionada ao Trabalho Formal, assim eram discutidos os pontos positivos e negativos e por tratar de Trabalho Formal apresentavam mais pontos positivos no sentido de terem a segurança dos seus direitos

garantidos. Era perceptível a aceitação deles à idéia de relação de submissão empregado e empregador para suprir suas necessidades e realizações de seus sonhos. Com isso moldavam-se ao sistema capitalista numa perspectiva de exploração, pois ter o seu próprio empreendimento não lhe trazia uma segurança suficiente e até mesmo um reconhecimento na sociedade.

Foi confirmada esta satisfação pessoal em relação ao trabalho formal quando sorteada a figura da carteira de trabalho que significa a possibilidade de alcançar seus sonhos e projetos com determinada segurança. Observei que para os alunos a carteira de trabalho retratava uma identidade pessoal na sociedade e que ainda justificava a presença da maioria na EJA para alcançar este objetivo primordial que seria a segurança de um trabalho regido por leis.

A maioria demonstrou uma insatisfação pela profissão atual, pois não se sentiam realizados no que faziam e por muitos não ter a segurança da carteira de trabalho. Algumas alunas que eram empregadas domésticas afirmavam estarem cansadas e uma delas expressava a vontade de melhorar profissionalmente assim demonstrando a consciência da necessidade de uma ascensão profissional que seria conseguida através da EJA.

Os alunos puderam refletir e se posicionarem sobre a própria cultura a que pertencem que é a do trabalho pois pertencem a um grupo, EJA, marcados pela exclusão social e que almejam serem reconhecidos como dignos cidadãos na sociedade que estão inseridos.

2.1 AS PROPOSIÇÕES DE MELHORIA DA EDUCAÇÃO

Devemos evidenciar que surgem, atualmente, muitos trabalhos inovadores com uma postura de compartilhamento do saber e consideração pela cultura a que o indivíduo pertence.

Atualmente, realiza-se na UNB (Universidade de Brasília), Faculdade de Educação (FE) o projeto PROEJA Transarte, onde tive a oportunidade de acompanhar reuniões no Centro Ensino Médio, em Ceilândia onde traz proposições de melhoria da educação. É um Programa de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica em

Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos que tem como um dos seus objetivos identificar a identidade sócio-cultural dos jovens e adultos como uma das bases fundantes na sua constituição e desenvolvimento humano, na educação fundamental, média e profissional. Este objetivo pretende ser cumprido a partir do despertar a identidade cultural na produção artística virtual de jovens/adultos através da criação artística coletiva e individual (TELES, 2006). Manifestando a criatividade e permitindo a esses alunos uma identidade ao grupo a que pertence.

Podemos refletir que o descobrimento das raízes culturais e da identidade do indivíduo pertencente a uma sociedade influencia no desenvolvimento do aprendizado na educação fundamental, média e profissional. Estes fatores sendo identificados com determinada importância e considerados com valor na sala de aula colabora para um evidente progresso no aprendizado.

Esta pesquisadora teve a oportunidade de acompanhar a 10ª exposição do SEMEX (Semana de Extensão da UNB), o PROEJA-Transiarte em Ceilândia permitindo observar o citado progresso dos alunos que se mostravam estimulados por realizarem atividades em sala que tratavam de assuntos do seu cotidiano. Os alunos colocam sua forma de ver estas questões conflitantes que estão além dos “muros” da escola, devendo ser evidenciados e discutidos em sala de aula. Assuntos estes muito conflituosos que geram muita polêmica e questionamento dos alunos perante uma realidade que traz temas contrastantes com o que muitas vezes vemos nos livros didáticos.

Foi relatada a perseverança de alunos em dar continuidade ao trabalho artístico, virtual produzido por eles. Neste projeto houve muitos debates e discussões entre professores e alunos, juntamente, para decidirem que temas poderiam levar para prática na construção de vídeos.

Transiarte apresenta jovens e adultos que participam ativamente no processo educativo, na construção do conhecimento a partir de uma atitude investigativa, reflexiva e transformadora da realidade, assim permitindo exercer de forma concreta o seu papel de cidadão.

Dos jovens e adultos que participam deste projeto uns já tem um contato com a informática e outros estão tendo pela primeira vez mostrando que é possível partilhar o aprendizado com o conhecimento existente.

É desenvolvido um processo de produção do conhecimento juntamente com uma transformação do existente, pois age de forma ativa no posicionamento crítico e questionador dos alunos. Sentem-se com o potencial de transformar o meio em que vivem assim trazendo uma inquietude perante temas diários conflitantes que de alguma forma interfere no aprendizado.

Com este projeto há uma tentativa de apresentação de uma nova linguagem no meio educacional e na cultura muito mais acessível que traz a arte presencial para o ambiente virtual. E tanto no virtual como no presencial há um favorecimento do processo criativo que valoriza a expressividade artística.

Este projeto tenta demonstrar um dos pontos que originam este trabalho em que diversidade sócio-cultural está presente na constituição identidade sócio-profissional. Evidenciando-nos a fundamental importância de descrever a incorporação dos saberes acumulados, historicamente, pelos jovens e adultos na prática de ensino de sua qualificação/educação profissional.

A bagagem cultural constitui ferramentas de trabalho em sala de aula para que se desenvolva um aprendizado concreto e cada vez mais próximo da diversidade cultural dos alunos. A consideração dos saberes de tais jovens e adultos é relevante para um pleno processo de ensino aprendizagem, pois serão estas ferramentas bases para formação de um sujeito crítico e ciente de sua posição na sociedade. O jovem/adulto conduzirá o processo de aprendizagem e será norteado por meio de suas criações e buscas.

A primeira etapa trabalhada na produção de obras neste projeto é a que demonstra o resgate cultural como ferramenta principal de aprendizado como a escolha do problema gerador. Neste momento tratam dos mais diversos temas reais como drogas, desemprego, corrupção e outros que desencadeiam as outras etapas como a produção do roteiro e planejamento, execução artística e audiovisual, montagem e edição nos softwares e postagem no site oficial. O resultado desse processo está expresso nos vídeos expostos no site www.proejatransiartetube.cefetgo.br.

Em tese esse programa propõe ao jovem/adulto ir além de uma atuação passiva, pois lhe é oferecida a possibilidade de por meio de ferramentas tecnológicas e trabalho/construção coletivo agir diretamente na reinterpretação do mundo presencial e virtual em que está inserido. E ainda estimula a um sujeito cada vez mais criativo, pois ao

mesmo tempo em que adquire conhecimento está desenvolvendo habilidades artísticas em projetos audiovisuais. Esse projeto, ao estimular o debate e a criatividade também contribui para a constituição de conteúdos conceituais (ZABALA, 2007).

Ocorreu um acontecimento marcante no SEMEX, um relato de uma aluna⁶ que a partir da participação no projeto teve uma visão de outros mundos e percebendo que não restringe somente ao seu meio. Com isso manifesta-se de forma evidente a subjetividade individual e social, como criatividade, auto descoberta, pensamento crítico e reflexivo, e possibilitando a construção coletiva e sensibilidade estética.

As criações dos alunos afloram de forma muito produtiva e livre usando diversas técnicas tecnológicas. E ainda pode ser construído e modificado de forma coletiva dando a possibilidade de criação interativa.

Os alunos demonstram-se estimulados por descobrirem novos mundos e conscientizar-se que podem fazer parte deles como sujeito transformador e que sofrem tais transformações, trazendo suas vivências e fatos conflituosos integrantes da sua realidade.

⁶ A aluna apresentou-se como dona de casa sendo aluna de EJA do CEM 3

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convencer-me de uma prática pedagógica pensante, reflexiva e dialógica como sendo ideal para transcorrer de forma satisfatória o processo de ensino aprendizagem é como concluo este presente trabalho. E ainda permiti aos educandos manterem-se numa posição ativa, sendo tratados como sujeitos do processo de aprendizagem e não como apenas objetos.

Com este trabalho foi possível refletir sobre a prática pedagógica na perspectiva libertadora proposta por Paulo Freire como uma boa estratégia de aula aproximando cada vez mais o educando do educador numa relação de confiança. Interessante frisar que muitas vezes deixei-me enganar pela pedagogia tradicional como sendo esta o ideal de educação. Deduções errôneas que em seguida pude rever minhas concepções e perceber a importância de um trabalho pautado na criatividade e na emancipação do indivíduo. Infelizmente ainda, hoje, persiste muito a concepção de uma prática pedagógica considerada a melhor, voltada para uma postura da pedagogia tradicional. Com o desenvolvimento deste trabalho tenho ciência de não ser ainda tão disseminado entre os educadores a prática de uma pedagogia libertadora que tem um olhar perante o seu aluno como sujeito social direcionando-o para conscientização dos seus direitos e deveres. Mas a tentativa foi desenvolver um trabalho, numa turma da EJA, direcionado para colaboração da formação de um cidadão crítico.

A realização das práticas pedagógicas foi no objetivo de colocar em prática uma pedagogia questionadora e reflexiva e conseqüentemente perceber a desenvoltura dos alunos em receber este tipo de educação numa perspectiva de uma reconstrução dialógica. E ainda tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de uma educadora pautada nesta lógica Freiriana e verificar a receptividade dos alunos a esta pedagogia inovadora que leva para sala de aula a realidade dos alunos.

Podemos afirmar que o caminho para excelência da pedagogia é aquela pautada na formação de sujeitos autônomos, ativos, críticos e cientes dos seus direitos e deveres. Sendo assim, a pedagogia libertadora deve ser sobreposta à pedagogia tradicional com persistência e de forma gradual, ocorrer uma conscientização por parte dos educadores que esta é a melhor estratégia de aula. A pedagogia libertadora deve ser considerada como a ideal e

mesmo que leve um tempo deve-se, futuramente, estar enraizada na postura dos educadores e com maior aceitação pelos alunos onde estes se sentindo aprender, de fato, algo com pleno aproveitamento. Com este trabalho é possível disseminar a semente de uma pedagogia transformadora.

Na EJA com um enfoque na pedagogia libertadora vai além de “encher” um quadro para que os alunos sintam-se aprender algo, mas é propiciado aos alunos interferir no mundo compreendendo-o e questionando-o e serem reconhecidos por este mundo como dignos cidadãos. A função da escola é defender a autonomia crítica dos educandos em sua proposta político-pedagógica.

Presenciei que, ao mesmo tempo, o educador sente-se frustrado em não ter tanta receptividade pelos alunos quando inserida uma prática pedagógica pautada em Freire, mas também se sente no papel de dever cumprido quando leva para sala de aula o cotidiano de forma reflexiva e faz com que seus alunos sejam reivindicadores perante a sociedade. Alcançar os objetivos do processo de ensino aprendizagem com plena produtividade é o que os educadores mais almejam. É desanimador quando não é possível a inserção de mudanças, de inovação devido à resistência dos alunos, tornado o aprendizado rotineiro e até perdendo o seu valor e o seu significado. Inovar e fazer o diferente são determinantes para o educador tornar-se um emancipador que permite ao educando um espaço de independência e liberdade de pronunciar-se.

Nessa perspectiva pude perceber que é importante o educando ser considerado como sujeito histórico, construtor de conhecimento, que ao mesmo tempo forma o mundo e é formado por ele. Com a educação possibilita ao educando ser “malicioso” perante o mundo e mais problematizador ao que lhe é apresentado.

De fato ocorre o aprendizado quando este não é abstrato e não se distancia da realidade e assim verifica-se a utilidade de algo. E ainda quando sentimo-nos estimulados, motivados é fácil e a vontade é maior de alcançar o aprendizado. Um educador transformador deve ser dinâmico, ir além do que está previsto, levar para sala de aula assuntos exterior a escola mais que influenciam diretamente no aprendizado dos educandos. A forma que a matéria será conduzida em sala de aula pelo educador é o que determina o interesse dos alunos e permite alcançar com bons resultados esse processo de ensino.

A intenção neste trabalho não foi de determinar de forma irreversível a melhor pedagogia e nem mostrar uma metodologia de como transformar o educando em crítico e questionador. Apenas pretendi dialogar com os alunos de forma crítica fazendo-os pensar o mundo que estão inseridos e a sua própria realidade. E ainda observei a possibilidade de uma pedagogia dialógica concretizar-se diante dos meus olhos.

Imagino ter provocado nos alunos a inquietude e questionamentos diante daquilo que lhe foi apresentado e assim afirmo que isso seria um grande avanço. E, talvez, disseminando tais questionamentos para além da sala de aula.

Todas estas considerações nos possibilitam, nós educadores, pelo menos, a refletir se estamos desenvolvendo um processo de ensino-aprendizado mirado na formação de um sujeito independente, consciente e problematizador do seu lugar na sociedade.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **The facilitation of meaningful learning in the classroom.** *Educational Psychologist*, v. 12, p. 162-178, 1977.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália:** novela sociolinguística. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DELVAL, J. **Aprender em la vida y em la escuela.** Madrid: Ediciones Morota, 2002. Coleção: Pedagogía, Razones y propuestas educativas.

FERNANDES, B. **A Prática Educativa e o Estudo do Meio: O Amapá como estudo de caso na construção do conceito de sustentabilidade.** 2008. 254 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Universidade de São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia:** O cotidiano do professor. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

ANEXOS



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Departamento de Planejamento e Administração – PAD
Disciplina: Projeto 4
Professora: Sonia Marise Salles Carvalho

PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO EM ESPAÇOS EDUCATIVOS

.

Luciana Rodrigues Pereira
Pedagogia – Matrícula: 07/02722

1º semestre – 2009

TRABALHO: FOCO NORTEADOR DA EJA.

“Educação é impregnar-se de sentido cada ato cotidiano”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	03
2. Justificativa.....	04
3. Caracterização do Campo de Estágio-Escola.....	05
3.1. Nome da Instituição.....	05
3.2. Endereço.....	05
3.3 Histórico.....	05
3.4. Missão.....	07
3.5. Total Geral de Alunos e Turmas por Modalidade de Ensino.....	07
3.6. Projeto Político Pedagógico.....	08
3.7. Instituições Escolares.....	10
3.8. Infra-Estrutura Física e Instalações.....	10
3.9. Avaliação do Processo Pedagógico.....	12
4. Fundamentação Teórica.....	14
5. Planejamento das oficinas.....	17
6. Considerações Finais.....	34
7. Referências Bibliográficas.....	36
8. Anexos.....	37

1 - APRESENTAÇÃO

Este trabalho é parte avaliativa do projeto 4 do curso de pedagogia da Universidade de Brasília orientado pela professora Sônia Marise.

O objetivo de tal trabalho é tentar aproximar as propostas curriculares ao mundo do trabalho e que essa relação da EJA com o trabalho não passe somente de uma perspectiva de emprego.

Planejar ações para a Educação de Jovens e Adultos exige o conhecimento e a reflexão sobre a condição e a necessidade do educando e o atual contexto em que ela ocorre.

O ensino tradicional traz uma metodologia linear sem variações, sem ajustes para o seu público, pois preconiza que os alunos têm um conhecimento uniforme e padronizado. A mesma aula é dada para quem sabe muito, pouco ou nada sobre determinado conteúdo.

Na Educação de Jovens e Adultos, cada aluno está inserido em um contexto socioeconômico e cultural que lhe é próprio com acesso as informações difusas e as trazendo para sala de aula.

Desta forma a pretensão deste trabalho é reconhecer o aluno da EJA como sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem onde suas histórias de vida, suas necessidades, seus desejos sejam uma questão pedagógica. O ideal é um aluno como centro de uma proposta educativa.

2 - JUSTIFICATIVA

Na perspectiva de uma educação de jovens e adultos conceituada no ponto de vista da alfabetização, mas não com propostas imediatas e nem com sentido emergencial devemos nos preocupar com a possibilidade de um processo transformador de tal sujeito e não mais encará-lo como objeto de tal processo pedagógico.

Num primeiro momento a realização deste trabalho é aproximar o jovem e o adulto ao mundo do trabalho conscientizando e permitindo-lhe a compreensão de um sistema o qual está inserido e que traz a perspectiva de uma exploração e dominação distanciando cada vez mais a possibilidade de tornar-se sujeito ativo, crítico e construtor de sua condição cultural e socioeconômica. E ainda, sendo tópicos de discussão, o mercado que ao mesmo tempo exige uma grande qualificação e aperfeiçoamento também obriga tal aluno abandonar tais expectativas de melhoramento e conciliação da escolarização com o mundo do trabalho.

Desta forma, neste trabalho há uma tentativa de unir o tema Trabalho com a EJA, tendo os educadores conscientização que nela estão sujeitos específicos, caracterizados pela experiência da exclusão social que vem marcando a história brasileira no que se refere às possibilidades de educação escolar. Este tipo de ensino leva em conta as condições de vida e de trabalho do aluno. O aluno jovem ou o aluno adulto possui um universo de formação muito mais amplo do que o de uma criança. Sua experiência de vida, os conhecimentos e saberes adquiridos em diversos espaços de formação, a ressignificação e a qualificação do tempo devem contribuir para sua formação escolar.

Convém, ainda, explicitar que a Educação de Jovens e Adultos deve ser um instrumento para a ampliação e a capacidade de perceber e influir no mundo, oferecer condições para que o jovem ou o adulto melhore sua qualidade de vida e amplie suas oportunidades no mercado de trabalho.

3 - CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO – ESCOLA

3.1 - Nome da instituição: Centro Educacional 02 do cruzeiro

3.2 - Endereço: SCHES QD 805 – Área Especial – Cruzeiro Novo
Brasília – DF
CEP: 70655-850
Fone: (61) 3901 8338
e-mail: ced02cruzeiro@gmail.com

3.3 – Histórico:

O Centro Educacional 02 do Cruzeiro integra a estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal e está subordinado pedagógica e administrativamente à Diretoria Regional do Plano Piloto/Cruzeiro – DRE-PP/C. Seu prédio foi construído entre 1971 e 1972 e inaugurado em 22 de março de 1973, quando foram iniciadas as atividades escolares sob a denominação Centro 02 de Ensino de 1º Grau. Em 1976 foi transformado em Centro Interescolar e, em 1980, em Centro Educacional 02 do Cruzeiro, denominação que perdura até hoje. Em 27 de maio de 1993 foi inaugurado o Laboratório de Ciências e em 5 de fevereiro de 1996, instalada a antena parabólica que o conectou ao *Projeto TV-Escola* do Ministério da Educação. Em junho de 95 foi criado o Grêmio Estudantil. Em 1996 teve início uma grande reforma que se estendeu por todo o ano de 1997, sendo oficialmente concluída em 27 de novembro de 1998, com a presença do governador e outras autoridades da Secretaria de Educação. Durante esse período, parte de suas turmas foi deslocada para escolas próximas, como a Escola Classe 6 e o Centro de Ensino Fundamental 2 do Cruzeiro. Em 1999 foi criado o *Grupo de Teatro Noigandres*, formado por alunos e ex-alunos da Escola. Com esse trabalho nossa Escola inicia uma fase de projeção no cenário artístico educacional local destacando-se com diversos projetos. Em 2001 o time de *futsal* da Escola sagra-se bicampeão da modalidade nos Jogos Escolares do DF e é convidado pelo Comitê Olímpico Brasileiro para representar o DF nos Jogos Nacionais. Em agosto de 2003, com o *Projeto Teatro Inclusivo na Escola*, da profª Antônia Silvana Chaves, ganha o 1º lugar na categoria Ensino Médio concorrendo ao *Concurso Professor 2003* da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Este mesmo projeto, em São Paulo, obteve menção

honrosa pelo Instituto Arte na Escola da Fundação *Iochpe*. Nos últimos anos nossa Escola tem estado sempre presente aos diversos fóruns do Ensino Médio promovidos pela Secretaria de Educação do DF com diversos projetos, entre eles, o *Tecendo a Interdisciplinaridade*, do prof. Fábio Silva, ganhador do Prêmio Professor 2004, categoria Ensino Médio. Nesse ano, ainda, o *Projeto Arte na Escola*, deste mesmo professor, foi indicado para representar Brasília junto ao Instituto Arte na Escola da Fundação Iochpe (SP). Incluída no *Projeto Igualdade nas Diferenças*, promovido pela Secretaria de Educação, nossa Escola tem recebido alunos com algum tipo de deficiência. Dentre esses a aluna Verônica Góes que, após concluir o Ensino Médio em nossa escola, foi aprovada no vestibular para o curso de Artes Plásticas da Universidade de Brasília. Esta jovem, mesmo tendo nascido com ausência de ambos os braços, escreve com o pé. Sem nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito notabilizou-se em nossa Escola por sua força de vontade, abnegação e alto desempenho, sendo motivo de admiração de professores e demais colegas. Recentemente, Verônica, que faz estágio em Artes Plásticas nesta Escola, foi aprovada no Concurso Público para a Polícia Civil do DF.

Em 2004 deixou de atender às séries do Ensino Fundamental (7^a e 8^a) limitando-se ao Ensino Médio Regular e ao terceiro segmento da Educação de Jovens e Adultos. Participou em 2002 do Projeto Largada 2000 da Fundação Athos Bulcão. Em 2003 foi selecionada para participar da I Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, organizada pelo MMA, chegando a mandar representante para a conferência regional. Por não ter mais alunos do Ensino Fundamental deixou de participar desse evento a partir de 2004.

Em 2005 foi colocado no ar o sítio www.ced02cruzeiro.pop.com.br visando à disseminação de informações para alunos, professores e pais, permitindo acompanhamento da vida acadêmica de seus filhos por parte da família. Nesse ano ainda foi reincorporada à escola parte de seu antigo terreno, num total de 5.053m² e iniciada parte das obras previstas no Projeto Adhemar Ferreira da Silva. Foi implantada uma Sala de Recursos para alunos de altas habilidades. O LIED – Laboratório de Informática Educativa recebeu novos equipamentos do TCU e passou a contar com o apoio de ex-alunos como estagiários, conectando diversas estações de trabalho à internet.

No decorrer de 2006 a escola recebeu da SEDF equipamentos de multimídia (projektor e tela) e dez computadores do STJ que foram direcionados para a coordenação pedagógica, biblioteca, LIED, sala de altas habilidades e direção. Com parte dos equipamentos doados iniciou-se a implantação do Projeto Robótica. Em setembro desse ano firmou-se uma importante parceria com a Prefeitura Militar de Brasília (Exército Brasileiro). Por essa parceria a escola, em troca de um espaço de 5,30m X 15,10m (80,6m²) cedido à PMB para a construção de uma pequena oficina, vem recebendo o apoio de mão-de-obra especializada para a execução de serviços de pintura, eletricista, bombeiro hidráulico e marcenaria necessários à manutenção das instalações da escola.

No início do presente ano a escola passou a funcionar no noturno com todas as turmas do seguimento EJA do Cruzeiro, inclusive com o ensino fundamental. No turno vespertino, a escola é cedida para Escola Classe da Vila Itapuã. É instituída também 3 turmas de aceleração para os alunos com defasagem idade-série.

3.4 - Missão

Atuar solidária e efetivamente para o desenvolvimento integral do educando, facilitando-lhe o acesso aos meios e à orientação adequada a seu desenvolvimento social e pessoal, preparando-o para o pleno exercício da cidadania.

3.5 - Total Geral de Alunos e Turmas por Modalidade de Ensino (atualizado até 03/03/2008)

Ordem	Série/Modalidade	Turno	Nº de turmas	Nº de alunos p/ série/turno	Total de alunos p/ série	Total de Alunos p/ modalidade	Total de alunos matriculados
1	1ª regular	Matutino	5	201		652	
2	1ª regular	Noturno	1	44			
3	2ª regular	Matutino	4	166			
4	2ª regular	Noturno	1	47			
5	3ª regular	Matutino	4	150			
6	3ª regular	Noturno	1	44			
7	EJA 1º segmento	Noturno	4	107	107	1025	
8	EJA 2º segmento	Noturno	6	332	332		
9	EJA 3º segmento	Noturno	9	586	586		
10	Aceleração	Matutino	2	67	67	67	
							1744

3.6 – Projeto Político Pedagógico

O Centro Educacional 02 do Cruzeiro na sua Proposta Pedagógica Participativa busca orientar a sua prática educativa em consonância com os fundamentos e princípios estabelecidos pela Secretaria do Estado De Educação do Distrito Federal e com as diretrizes emanadas da Constituição Federal e da LDB vigentes, conforme segue abaixo:

- A Educação possibilita ao ser humano o desenvolvimento harmonioso em suas dimensões física, social, emocional, cultural e cognitiva nas relações individuais, civis e sociais.

- A Educação Básica constitui um direito inalienável do homem em qualquer idade e capacita-o a alcançar o exercício pleno da cidadania de forma a ser promovida não como uma justaposição de etapas fragmentadas, mas em perspectiva de continuidade articulada entre Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

- Os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum são valorizados na prática pedagógica como norteadores que são da vida cidadã.

- Os valores estéticos, políticos e éticos, organizados sob as premissas básicas da sensibilidade, da igualdade e da identidade, essenciais à formação integral do educando, permeiam a organização curricular, as relações interpessoais, o planejamento, o acompanhamento e a avaliação de todo o trabalho docente, discente, gerencial e administrativo.

- A flexibilidade teórico-metodológica e o reconhecimento e a aceitação do pluralismo de idéias constituem elementos essenciais na definição da política pedagógica adotada.

- A ação pedagógica enfatiza procedimentos capazes de favorecer a compreensão e o domínio dos fundamentos científicos e tecnológicos em que se baseiam os processos produtivos da sociedade atual.

- O sistema educacional proporciona recursos e meios que atendam às necessidades educacionais de todos os alunos, de modo a oportunizar o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem, garantindo: educabilidade de todos os seres

humana; direito à equidade, igualdade de oportunidades educacionais independente dos compromettimentos que possam apresentar; respeito à dignidade humana; direito à liberdade de aprender e expressar-se; e direito de ser diferente.

- A Secretaria de Estado de Educação favorece uma educação de qualidade, incentivando maior participação de todos, inclusive da família, no acompanhamento da educação, promovendo ações que levem ao cumprimento de metas do Compromisso todos pela Educação.

Os fundamentos da ação pedagógica do PPP “Em busca da sustentabilidade” do CED 02 do Cruzeiro estão amparados no Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal que orienta para as teorias Crítico Social dos Conteúdos, a Teoria das Aprendizagens Significativas e o Desenvolvimento das Competências e Habilidades como eixos norteadores, uma vez que estas tendências possibilitam desenvolver um processo de ensino aprendizagem mais dinâmico e eficaz, possibilitando assim que as aprendizagens realmente significativas ocorram, desenvolvendo competências e formando cidadãos pro-ativos.

Para que estes princípios se concretizem, nossa proposta de ensino-aprendizagem fundamenta-se nos referenciais de educação descritos no relatório da UNESCO:

- ❖ **"Aprender a ser"** - investimento no desenvolvimento físico emocional, ético, estético como processo contínuo para construção de referências intelectuais que permita ao estudante compreender o mundo.

- ❖ **"Aprender a conhecer"**- construção de saberes, desenvolvendo espírito investigativo e senso crítico.

- ❖ **"Aprender a fazer"** – construção de procedimentos e estratégias para transformar informação em conhecimento; elaborando num encadeamento entre ação e experiência o seu próprio conhecimento.

- ❖ **"Aprender a conviver"** - investimento num movimento simultâneo em busca de reconhecimento da própria identidade e em um esforço de aceitação das diferenças; compreendendo a interdependência entre todos os seres humanos.

3.7 - Instituições Escolares

O Centro Educacional 2 do Cruzeiro dispõe das seguintes instituições escolares:

- Conselho Escolar,
- Associação de Pais e Mestres.
- Grêmio Estudantil

Há um contrato anual de prestação de serviços firmado com uma **Cantina Comercial** que ocupa instalações da Escola cujo aluguel mensal é revertido para a Associação de Pais e Mestres.

No decorrer do segundo semestre de 2006 foi firmada uma parceria com a Prefeitura Militar do Exército Brasileiro sediada no Cruzeiro Novo, por meio da qual em troca da cessão de um espaço para funcionamento de uma pequena oficina (serralheria/hidráulica/marcenaria/elétrica) os técnicos dessa Força prestam serviços gerais de manutenção à escola, dentro de suas possibilidades.

3.8 - Infra-estrutura Física e Instalações

A Escola possui uma área edificada de 4.585,54 m² que ocupa um terreno de 17.500 m². Sua área original é de 38.640 m², medindo 140m X 276m, aí incluídas a área da Escola Classe 6 do Cruzeiro (cuja área construída é de 2.330,46m²) e um Centro de Convivência para Idosos - CCI. Esse conjunto de imóveis está catalogado no Cadastro Geral de Imóveis do DF onde consta o Termo de Entrega do Imóvel – TEI nº 0344/81 registrado no Cartório do 1º Ofício de Notas do DF sob nº 31.662.

Seu conjunto arquitetônico se distribui por sete blocos divididos em duas alas separadas por corredores de circulação cobertos. No bloco 1 está a área administrativa e aí funcionam a Sala da Direção, a Sala da Vice-Direção e a Assistência Administrativa, as instalações da Secretaria Geral, a APAM o Arquivo Geral, a Sala do Laboratório de Informática e a Coordenação Pedagógica. No bloco 2 estão a Sala de Professores, a Sala do Serviço de Orientação Pedagógica e Educacional, duas salas de multimídia, uma Sala de Recurso para Alunos com Altas Habilidades e mais duas Salas de Aula. No bloco 3 funcionam o Laboratório de Ciências (Química/Física/Biologia) e mais cinco Salas de

Aula. No bloco 4 há cinco Salas de Aula, uma sala de multimídia e uma sala da Mecanografia. O bloco 5 é constituído por seis Salas de Aula. O bloco 6 é composto de um espaço para eventos (ex-refeitório), a cozinha e uma dispensa numa das alas; em outra estão os sanitários dos alunos, a Cantina Comercial, salas de Aula Artes Cênicas, Artes Visuais e uma Sala ambiente para Língua Estrangeira. Numa das alas do bloco 7 está o Auditório com capacidade para 160 pessoas e na outra ala a Biblioteca. Completa a área construída da Escola a torre da Caixa d'água, erguida na área central, onde há um pequeno depósito. Há também duas quadras esportivas pavimentadas descobertas. As salas de aula, o auditório e a biblioteca dispõem de ventiladores. Durante o ano de 2006 a escola recebeu uma duplicadora de grande capacidade, impressoras, computadores, um projetor de multimídia, arquivos e armários de aço. Foi instalada, com recursos da APM, uma rede *wireless* tendo em vista facilitar o acesso de alunos e professores à internet.

Em 2005, a ampliação da área útil da escola permitiu a construção de um campo de futebol de 45m x 80m e a expansão da área verde onde se pretende implantar no decorrer de 2007 uma área de lazer com duas churrasqueiras.

01 sala de direção	01 sala ambiente de Educação Física
01 sala de vice-direção e assistência administrativa	01 laboratório de Ciências (Física/Biologia/Química)
01 sala para assistência e atendimento à Comunidade	01 sala para Mecanografia
01 sala para secretaria geral	01 laboratório de Informática
01 sala para o SOE	01 sala para servidores
01 sala para professores com dois banheiros	03 salas de multimídia
01 biblioteca	01 sala para a rádio <i>RadiAção</i>
01 cozinha com depósito	01 depósito para guarda de materiais
01 refeitório transformado em sala de eventos	01 sala para a APM
01 dispensa para gêneros alimentícios	01 sala para alunos com altas habilidades
01 sala de coordenação pedagógica	01 sala de Recurso (atendimento a portadores de necessidade especiais)
06 banheiros para alunos sendo três masculinos e três femininos	01 auditório
01 sala para funcionários de apoio	

✓ **Sala de apoio aos alunos com necessidades especiais**

PLANO PEDAGÓGICO SALA DE APOIO – 2008

O serviço de apoio é realizado na Instituição Educacional de ensino regular, conduzido por professor especializado, mediador da inclusão dos ANEE (alunos com necessidades educacionais especiais), para que cada pessoa – criança, jovem ou adulto – tenha condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas

necessidades básicas de aprendizagem. Estas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais como leitura, escrita, expressão oral, cálculo e solução de problemas; quanto os conteúdos básicos da aprendizagem, como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes; necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo.

3.9 - A avaliação do processo pedagógico

“A avaliação é um elemento indissociável do processo educativo, que possibilita ao professor definir critérios para replanejar as atividades e criar novas situações que gerem avanços na aprendizagem do educando. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar o trabalho educativo.”

A Proposta Pedagógica participativa do CE02 do Cruzeiro busca no seu processo avaliativo cumprir a Lei de diretrizes para Avaliação de Aprendizagem – Ensino Fundamental- Anos finais e Ensino Médio-. Desta forma, utilizam os princípios de avaliação abaixo citados:

- **Do sucesso:** a atividade de avaliar caracteriza-se como meio de subsidiar a construção do resultado satisfatório.
- **Das diferenças individuais:** o aluno deve ser avaliado em relação a si mesmo, de acordo com suas potencialidades e necessidades.
- **Das diferenças socioculturais:** o professor deve observar os diferentes padrões culturais e sociais, não esperando respostas padronizadas dos alunos.
- **Do progresso contínuo:** o trabalho educativo deve ser adequado de forma a permitir o desenvolvimento contínuo do aluno, numa abordagem interdisciplinar.
- **Da liberdade:** o professor deve propiciar condições para que o aluno questione, reflita e seja capaz de se posicionar em um mundo complexo e mutável.
- **Da cooperação:** o aluno só pode desenvolver-se harmoniosamente,

na medida em que aprende a integrar-se. A integração propicia troca de experiências que enriquece cada um, de forma diferente. No grupo, o espírito crítico, a capacidade de observação e o respeito mútuo manifestam-se de forma muito mais completa.

- **Do diálogo:** a comunicação professor-aluno deve ser de igual para igual, sempre numa perspectiva de comunicação horizontal. Em um ambiente de comunicação autêntica, os alunos se conhecem e manifestam livremente suas inovações, suas idéias, suas dúvidas e seus anseios.

- **Da transformação:** a avaliação educacional deve estar a serviço de uma pedagogia que leve em consideração o crescimento pessoal.

4 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Numa visão quantitativa é assustador os números que se apresentam. O Brasil entrou no século 21 com mais de 16 milhões de jovens e adultos acima de 15 anos com menos de um ano de escolaridade. Num enfoque qualitativo os esforços tem sido nos últimos 50 anos a educação de jovens e adultos direcionada para a alfabetização em uma proposta somente emergencial sem continuidade para esta enorme quantidade de cidadãos que foi negado o direito à educação.

Hoje, tem-se uma maior conscientização da importância de oferecer aos jovens e adultos sem escolarização ou o ensino fundamental completo, o direito de uma educação digna transformadora destes sujeitos e conseqüentemente da própria sociedade em que estão inseridos. Estas transformações podem ser observadas através da atual legislação que rege a educação de jovens e adultos (EJA) e ainda são inúmeros os desafios a serem enfrentados por tal legislação e pela própria praticas educativas.

Paulo Freire afirma que através de um esforço e profunda conscientização, os homens permitem-se sair do papel de objetos para de fato sujeitos da historia e assim cabendo a EJA negar esta imposição de papeis que a sociedade lhe impõe.

Vários são os pensamentos errôneos que colaboram para oprimir e impedir o povo de crescer e a EJA deve passar de um meio que somente transmiti conhecimentos, pois permiti a capacidade de pensar com o outro.

Num pensamento freiriano no que sugere o circulo de cultura as propostas pedagógicas podem partir das vivencias dos sujeitos, suas necessidades, seus desejos, condição socioeconômica e cultural que os produziu e assim conhecer e ter em mente o sujeito com que esta lidando para não permanecer no papel de objeto, permitindo que este faça parte como sujeito critico e ativo do próprio processo de aprendizagem em que esta envolvido.

O maior desafio a ser enfrentado é que tal aluno seja de fato o centro da proposta educativa da EJA e não somente cópia de um modelo aplicado às crianças e aos

adolescentes. O pior é ter na teoria (lei) garantia das características próprias, mas não sendo colocadas em prática nos sistemas de ensino.

O reconhecimento do educando como foco principal da modalidade de ensino pode direcionar para mudanças na organização da EJA como, por exemplo: tempo escolar conforme o aluno que será atendido; respeito aos horários possíveis para o aluno trabalhador; respeito a produção de conhecimento avaliado pelo tempo de aprendizagem do aluno; entendimento do espaço de produção do conhecimento para além da sala de aula; busca de novas formas de avaliação reconhecendo formalmente as aprendizagens que são trazidas pelos alunos jovens e adultos quando retornam a escola.

Profissionais que atuam nesta área devem compreender esse princípio básico da realidade dos sujeitos como norteador da organização da escola.

ALUNOS E ALUNAS DA EJA

É bem peculiar a visão de mundo para uma pessoa que retorna aos estudos ou até mesmo quando inicia sua trajetória escolar na fase adulta. São jovens e adultos com mais diversas experiências vividas e crenças e valores já constituídos.

Cada tipo de aluno possui uma realidade diferente pois vivem no mundo adulto do trabalho com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência e da realidade cultural em que estão inseridos.

A psicologia por muito tempo afirmou que o desenvolvimento terminava com o fim da adolescência onde representava o auge do desenvolvimento humano e assim concluía-se que na fase adulta se estabilizava e com a velhice se deterioravam. Os estudos recentes indicam que o desenvolvimento é algo que dura toda a vida sendo a fase adulta rica em transformações, pois é maior o acúmulo de conhecimentos oferecendo uma visão mais ampla e ainda julgando melhor os prós e os contras de uma situação e ainda possuem muita criatividade.

Quando alunos da EJA escolhem o caminho da escola eles se tornam abertos a aprendizagem, chegam a sala de aula com um olhar receptivo, sensível, e um olhar ativo: curioso, explorador, que investiga, que pensa.

EJA X MUNDO DO TRABALHO

Há um enorme distanciamento entre as propostas curriculares e o mundo do trabalho. Na prática ocorre somente praticas rápidas de treinamento profissional e às vezes uma elevação de escolaridade. Uma visão reducionista à perspectiva somente de emprego está presente entre a relação da educação (EJA) e o mundo do trabalho. É necessário desmistificar concepções que alienam os indivíduos a meros reprodutores quando pensar as categorias relacionadas ao trabalho no campo da EJA.

São várias as questões a serem pensadas: como introduzir essa discussão dos currículos de EJA; como professores podem compreender o mundo do trabalho como gerador de produção de outros conhecimentos; e ainda fazer presente a discussão na EJA sobre o emprego, o subemprego e o desemprego.

O domínio tecnológico e técnicas profissionais são tópicos essenciais para possibilitar aos jovens e adultos a inserção social, bem como a compreensão e leitura critica da realidade com a finalidade de alcançar a liberdade.

Seria o ideal unir a escolarização e o trabalho num mesmo ambiente mas no Brasil a pratica é muito diferente, vemos alunos da EJA com uma enorme sobrecarga de tempo no emprego informal e ainda tendo que enfrentar a escolarização no horário noturno e é esta exaustão de trabalho desconciliada do meio escolar dificulta ao aluno o acesso e a permanência na escola. Assim há evidente contradição, pois o mesmo trabalho que exige uma qualificação destes jovens e adultos é também aquele que estimula ao abandono da escola.

5 - PLANEJAMENTO DAS OFICINAS (SUB-TEMAS E SEUS RESULTADOS)

1 – Circulo de Cultura (Paulo Freire)

Resumo:

O Circulo de Cultura é uma metodologia de intervenção pedagógica elaborada por Paulo Freire que permite a exposição de práticas, dinâmicas, vivências que possibilitam a construção coletiva do conhecimento.

“Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante do grupo.” (Paulo Freire, Educação como Prática da Liberdade. 1999/; p.111)

Inspirado numa escola diferente onde são discutidos os problemas do educador e do educando, o professor não é aquele que tudo sabe e o aluno aquele que nada sabe.

Uma escola em que o grupo se reúne para discutir sobre sua prática: seu trabalho, a realidade local e nacional, sua vida familiar.

Objetivos:

- Conhecer a turma: trajetória escolar individual; naturalidade; realidade em vivem e motivos que levaram estar na EJA;
- Descobrir o que pretendem aprender;
- Descobrir que noção os alunos possuem sobre educação;
- Proximidade com a turma e possibilitar conhecerem entre eles.

Material necessário:

- Questionário-base com as seguintes perguntas: O que é educação?; O que pretendem aprender?; Qual sua trajetória escolar?; Sua naturalidade?

Metodologia:

Opcional a formação de um circulo, mas chamar a atenção dos outros alunos para que olhem e interessam-se no que o outro irá discursar sobre suas realidades. Perguntas individuais aleatórias seguindo o questionário-base de forma que fique uma entrevista informal e uma relação descontraída e aos poucos, naturalmente possa adquirir o máximo de informações sobre cada aluno. Nortear o bate-papo num sentido, de que exponham

seus desejos e sonhos em relação a uma formação escolar. Interrogar o que entendem por educação e necessidade de estarem na escola. Pesquisarem em casa definição de educação num sentido de instituição escolar.

Resultado da intervenção:

Antes da primeira semana de observação já tinha sido apresentada ao professor com quem iria trabalhar que por sinal muito simpático e prestativo. No nosso próximo encontro tive que interromper a aula para conversar com o professor, pois por um atraso meu, não pude conversar no dia anterior conforme tínhamos marcado, assim os alunos já tinham me visto, rapidamente, criando enorme expectativa em relação a minha presença, “a professora” que iria trabalhar com eles. O professor, Roberto, já tinha me contado que tinha conversado com eles sobre mim, onde eles não compreendiam exatamente o que seria uma estagiária assim já me considerando “a professora”.

O professor fez questão de, anteriormente, conversar comigo para saber das minhas pretensões e até pelo grande respeito demonstrado por ele perante os alunos pois afirmou a confiança que os alunos depositam nele e o respeito que eles têm com o profissional que está a frente deles com o propósito de passar algo a eles.

Desta forma quando de fato realizei a primeira intervenção estavam todos receosos mas muitos prestativos, com enorme expectativa ao que tinha para trazer para eles.

Comecei as perguntas individualmente mas de forma que houvesse uma entrosamento do restante do grupo, como por exemplo em relação ao Estado de que eram natural, chamava atenção para o Estado do companheiro que já havia mencionado antes, mostrando de uma forma descontraída que eram vizinhos pois vinham da mesma região do Brasil(Nordeste). Ia selecionando de forma aleatória para não criar mais expectativa e timidez ao próximo a ser entrevistado como também fazia as perguntas de forma natural conforme o que iria sendo dito pelo aluno pra se tornar algo bem informal e assim extrair o máximo de informações possíveis.

Não tive possibilidade de levar um gravador de voz e me arrependo, pois era evidente a necessidade de tal instrumento, pois foram muitos dados e situações expostas por eles que tem fundamental importância para conhecimento do perfil da turma e o que

poderia trabalhar futuramente. De qualquer forma fiz vários registros. É interessante como em uma só sala parecia ter somente nordestinos (Bahia, Piauí, Maranhão...), expuseram muitas dificuldades que passaram na infância e adolescência onde era prioridade ajudar os pais no trabalho e estes não davam nenhum incentivo para os estudos e ainda tendo dificuldade para conciliar os estudos com o trabalho. “Tinha que ir pra lavoura com meus pais, não dava para estudar”. Pude identificar que também vieram de cidades do interior do Estado onde as dificuldades eram dobradas. “A escola era muito longe da minha casa, tinha que andar muito”.

Duas alunas confessaram que não deram valor e muitos menos tinham interesse pelos estudos agora reconhecendo a necessidade de uma formação para ter um lugar na sociedade. “Eu queria mesmo era namorar, mentia que ia pra escola”. Um dos alunos mostrou a necessidade de saber ler e escrever para ser inserido no mercado de trabalho. “Sei dirigir até caminhão, mas não tenho a carteira, daí não me aceitam nos trabalhos, só agora consegui estudar, trabalhava até a noite, consegui um emprego de dia pra poder estudar aqui e conseguir tirar minha carteira de motorista”.

Uma das alunas afirma que se casou muito jovem e conseqüentemente os filhos também os tiveram muito cedo e assim dedicando todo o tempo para criação deles e agora decidiu aprender a ler e escrever. “Me casei muito cedo, agora quero pensar em mim, queria ler sem dificuldades e conseguir entender o que ler, ler de “carreirinha” risos...” Ainda observei o caso de outra aluna que disse sempre ter muita dificuldade de aprendizado quando mais nova, sendo taxada como “burra” e até sofrendo discriminação dos professores, conseqüentemente, reafirmando a sua dificuldade de aprendizado pois sentia-se desestimulada em esforçasse para aprender. “Não conseguia acompanhar todo mundo”. E ainda afirmou que em casa não tinha nenhum incentivo dos pais e apoio para aprender matérias que estava tendo dificuldade na escola.

Há uma aluna muito tímida e muito reservada, aos poucos fui me aproximando dela, ela não queria dizer nada sobre sua vida, decisão que respeitei de imediato, mas afirmou estar ali com pretensão de chegar até ao final e concluir seus estudos.

A maioria sempre afirmando muitas dificuldades para estarem ali, hoje, pois enfrentam ainda muitos obstáculos que impedem de voltar a atenção para o aprendizado, mas é reconhecida a necessidade de saberem ler e escrever.

Quando perguntados sobre educação confundiram num sentido de boas maneiras como portar-se na sociedade, assim pedi que pesquisassem sobre a definição de educação (instituição escolar) e que importância tinha, para trazerem na próxima aula. Apesar desta confusão respondiam a importância de estarem ali, indiretamente, dizendo a importância de ter uma educação num sentido escolar.

2 – Tempestividade de idéias

Resumo:

Idéias são lançadas no decorrer da discussão sobre um determinado assunto (Trabalho e Educação) podendo ser extraídas, desenvolvidas e melhor trabalhadas no futuro e ainda apoiando-se nelas para ter noção da real necessidade da turma, o que almejam e quais pré-concepções já possuem formadas e quais precisam ser melhores esclarecidas.

Objetivo:

- Formar um conteúdo base para ser trabalhado futuramente;
- Possibilitar aos alunos exporem suas idéias e colaborarem para um trabalho em conjunto com o professor;
- Conhecer pré-concepção que possuem entre trabalho e educação

Material:

- Questionário-base: Quais dificuldades para estar hoje na escola? O que mais os afligem? O que esperam aprender?
- Quadro.

Metodologia:

Explicar que as idéias serão lançadas por eles para que possam colaborar na formação das próximas oficinas.

Com o questionário-base irão sendo lançadas as perguntas e auxiliando a formarem as idéias, palavras-chaves serão escritas no quadro e explanando o que pode ser discutido sobre cada tópico, e ainda com auxílio da definição sobre a educação que foi

pedida para pesquisarem na aula anterior, contrapor com sua importância ligada ao Trabalho.

Resultado da intervenção:

Nesta intervenção havia alguns alunos que não estavam na oficina anterior onde todos puderam contar um pouco de sua história. Alguns deles já estavam sabendo de como foi a dinâmica e os próprios companheiros que estavam presentes na dinâmica anterior, já diziam pelos novatos. “Professora, ele veio do Piauí, também!”. Assim continuei a dinâmica, rapidamente, para que pudesse conhecê-los como os outros e para que se sentissem também incentivados a participar das próximas dinâmicas. Há uma senhora que relatou não ter estudado quando jovem, pois seus pais, literalmente, não permitiam, ela chegou a ponto de sair escondida de casa para ir à escola. Hoje, por querer participar no grupo da igreja onde desempenharia uma função que é necessário o ler e o escrever, foi em busca da escola.

Iniciei a oficina pretendida, explicando a eles que iriam contribuir para o que seria trabalhado nas próximas oficinas. Quando comecei a tratar a educação em relação ao Trabalho um aluno exemplificou muito bem uma simples situação de que como era necessário saber ler e escrever, em ocasião estando no auto-atendimento de um caixa eletrônico em qualquer banco ao pedir auxílio a outros pode ser facilmente enganado, demonstrando como está em nossa volta, no dia-a-dia a leitura e o escrever.

Conforme fomos discutindo, tendo o questionário-base para nortear o desenrolar das idéias, as palavras-chaves lançadas foram: emprego, aprender (educação X Trabalho), cidadão(sociedade X identidade), saúde(dificuldade para estar ali), ler jornal(informação do seu país).

3- - Relação com o Trabalho

Resumo:

“O trabalho como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade

natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana” (Marx, 1982, p.50)

Objetivos:

- Observar como se sentem hoje no seu trabalho;

Material:

- Folhas de papel ofício A4.

Metodologia:

Expôr no que consiste o Trabalho e assim pedirem para desenharem, da maneira que quiserem, como se sentem, hoje, no seu ambiente de trabalho, assim de alguma forma possam eles mesmo reconhecer se sentem-se bem naquilo que fazem, atualmente.

Resultado da intervenção:

De acordo com o próprio relato do professor eles têm muita dificuldade para escrever assim era válido o uso do desenho pra que pudessem registrar sua relação com o trabalho mas deixei-os a vontade para escreverem também se preferissem.

Num primeiro momento sentiram muita dificuldade de como desenhar e sempre pedindo meu auxílio para realizar a atividade, como sempre, muito preocupados se estavam fazendo corretamente o que foi pedido e muito prestativo para realizarem todas as dinâmicas que eram passadas.

Foi interessante o desenho de um aluno que desenhou uma ilha com um coqueiro (conforme anexo) onde relatou que se enxergava assim futuramente. Reafirmei que queria um desenho que se retrate, hoje, no trabalho. “Professora, estou desempregado mas sempre temos esperança que conseguirei um trabalho e pretendo estar bem assim numa ilha no futuro.” Os amigos acharam divertido.

4 – O que é o trabalho (emprego)?

Resumo:

O trabalho aqui abordado num sentido de emprego será a relação, estável, e mais ou menos duradoura, que existe entre quem organiza o trabalho e quem realiza o trabalho. É uma espécie de contrato no qual o possuidor dos meios de produção paga pelo trabalho de outros, que não são possuidores do meio de produção.

Objetivo:

- Elaborar um trecho que mostre a compreensão da turma em relação ao Trabalho;
- Reforço escolar (Português);

Material:

- Perguntas-base: O que é Trabalho? Qual a necessidade de ter um Trabalho?;
- Quadro;
- Encontro consonantal e dígrafo (matéria passada e explicada em aula anterior pelo professor Roberto)

Metodologia:

Serão colocadas no quadro as perguntas-base e será norteadas a discussão para irem respondendo as perguntas. Assim, logo em seguida, juntamente com os alunos é elaborado um parágrafo no quadro com as respostas deles e se for o caso acréscimo de idéias para que tenha uma construção feita por eles.

Depois de elaborado o trecho, no quadro, irão copiar para seus cadernos e em seguida será lembrado o conceito de encontro consonantal e dígrafo, já explicado em aulas anteriores e com o auxílio do material que possuem sobre o assunto irão sublinhar no parágrafo copiado todos os encontros consonantais e dígrafos.

Orientação individual se necessário, conforme a dificuldade de cada aluno.

Resultado da intervenção:

Todos colaboraram, prontamente, com o trabalho solicitado lançando definições muitas bem elaboradas e sugestivas para produção do parágrafo. Depois com a ajuda dos

próprios alunos construí, no quadro, o trecho de acordo com as perguntas-base, tendo o seguinte resultado: “É uma atividade que fazemos para as outras pessoas para ganhar um salário e poder realizar os nossos sonhos. Para que possamos sustentar as nossas necessidades”.

Depois que copiaram, lembrei os conceitos de dígrafos e encontros consonantais, já sublinhando alguns exemplos no próprio trecho elaborado e pedi para que continuasse a atividade nos seus cadernos. Auxiliei a maioria na realização da tarefa, pois ainda sentiam-se confusos sobre a matéria, quando necessário explicava novamente. Depois realizei a tarefa no quadro para que pudessem corrigir.

5 – Educação como Direitos de Todos

Resumo:

No Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA) foi tratado sobre a atualidade do pensamento de Paulo Freire e as políticas de Educação de Jovens e Adultos, onde mostra a insatisfação com o poder público para que de fato assuma sua responsabilidade na oferta da educação básica de jovens e adultos.

Não há uma ampliação no campo da alfabetização no que tange o acesso e a permanência dos jovens e adultos na educação básica. É admirável a necessidade de convencer tais sujeitos que a educação é seu direito e de que é possível voltar para a escola que o expulsou, que o processo de educação ainda faz sentido mesmo que não esteja ligado a uma melhora, imediata, nas condições de vida.

Há muitos projetos e programas alternativos sendo realizados, mas não são de fato políticas públicas sólidas. Herdamos e propagamos uma fragmentação e pulverização no interior do Ministério da Educação.

Devemos concentrar forças no Ministério da Educação em defesa da educação como direito para todos e não em estratégias que passam, conseqüentemente, dar uma virada conceitual no campo da educação como direito para jovens e adultos.

Objetivos:

- Discutir sobre “a educação como direito para todos”;

Material:

- Texto extraído do relatório de Maria Margarida Machado (Educação como direito de todos) tratado no ENEJA (conforme anexo);
- Perguntas relacionadas com tema tratado

Metodologia:

Será feita uma primeira leitura para os alunos do texto a ser trabalhado e da atividade com perguntas que norteiam a compreensão do texto. Logo em seguida, ler novamente o texto focando as perguntas a serem respondidas e discutidas com os alunos sobre o assunto. Feito isto permitir que respondam as questões abordadas.

Resultado da intervenção:

Apresentei uma introdução sobre o assunto que iríamos tratar. Iniciei uma primeira leitura para os alunos observando que a maioria acompanhava em voz baixa cada palavra lida, tiveram muita atenção. Depois com a leitura das questões a serem respondidas por eles tentei detalhar o que de fato era pedido em cada pergunta, assim fiz uma segunda leitura do texto focando as perguntas e sanando as dúvidas que iam surgindo, esclarecendo pontos de difícil entendimento, como por exemplo, a sigla EJA.

Em seguida permitir que elaborassem as repostas somente os auxiliando, individualmente, quando necessário. A atividade foi terminada em casa e aos poucos foram trazendo nos próximos encontros.

6 – Geografia como relação de poder**Resumo:**

O modo de produção, formação social, espaço são três categorias interdependentes.

Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são histórica e espacialmente determinados num movimento conjunto e isto através de uma formação social. Assim irá se dá as diferenças entre os lugares que é de acordo com o arranjo espacial desses modos

de produção. Dependendo da disposição das infra-estruturas e de outros atributos do espaço será feita a redistribuição dos papéis na sociedade. O espaço construído e a distribuição da população, por exemplo, não tem um papel, neutro na vida e na evolução das formações econômicas e sociais.

“É através do estudo do lugar que o mundo é empiricamente percebido” (Santos, Milton)

Observamos como é relevante o histórico e subsídios para um crescimento tanto econômico como social de um Estado, influencia, por exemplo, nos fluxos migratórios pois vão em busca de um papel reconhecido na sociedade.

Objetivos:

- Reforçar aprendizado sobre a localização das regiões do Brasil (Geografia);
- Apresentar dados sobre cada Estado origem dos alunos em relação ao desemprego e oportunidade de crescimento em outros Estados (fluxos migratórios);
- Situar os alunos, no mapa, mostrando de onde vieram e onde estão

Material:

- Mapas: do Brasil, divisão política da Região Nordeste; saldos migratórios; concentração industrial;
- Dados sobre cada Estado origem dos alunos em relação ao desemprego e oportunidade de crescimento em outros Estados (conforme anexo);
- Mapa do Brasil, por regiões sem nome dos Estados, impresso (conforme anexo)
- Mapa de migrações nordestinas, impresso (conforme anexo)

Metodologia:

Com o uso dos mapas será mostrada a localização de cada Estado e regiões conforme um mapa dividido por regiões, distribuído aos alunos e assim sendo perguntados sobre os motivos da saída de seus Estados de origem para outros. Serão

apresentados dados que justificam tal saída e apresentando no que consiste o fluxo migratório, juntamente com o mapa de saldos migratórios e passar um mapa de migrações nordestinas.

Será mostrado mapa de concentração industrial localizando as grandes capitais que mantêm grande numero de indústrias, motivo este de procura por pessoas de outros Estados por emprego e oportunidade de crescimento.

No mapa por regiões, distribuído, deverão localizar e escreverem o Estado de origem e indicar com uma seta a saída de tal Estado para Brasília (Centro-Oeste).

Resultado da intervenção:

Primeiramente, os situei do que iríamos tratar, que iriam se localizar no mapa e seriam expostos alguns motivos que colaboram a vinda para o Centro-Oeste e também para o Sudeste.

Apresentei a eles o mapa do Brasil localizando os Estados de origem, a maioria é da região Nordeste e ainda localizando também Brasília (Centro-Oeste), concomitantemente, perguntava quais possíveis motivos da saída deles do Estado natural para outros. Em seguida, li alguns dados referentes a alguns Estados do Nordeste, neste momento mostrando um mapa da divisão política, somente, da região Nordeste, reafirmando que há dificuldades para um crescimento e oportunidades em tais Estados, sendo assim crescente o fluxo migratório para outras regiões, principalmente, para as grandes capitais. Conseqüentemente, abordei no que consiste o movimento migratório, mostrando, juntamente, o mapa de saldos migratórios. Ainda passei um mapa impresso, das migrações nordestinas, para que pudessem ter uma melhor visão. Um dos alunos mencionou que um dos motivos de grande concentração no Sudeste, por exemplo, seria devido à localização de grandes indústrias. Esta foi uma afirmação relevante, pois pude mostrar o mapa de concentração industrial que evidencia maior concentração das indústrias no Rio de Janeiro e Grande São Paulo e conseqüentemente permitindo maiores oportunidades de emprego e reconhecimento na sociedade.

Distribui um mapa do Brasil dividido, somente, por regiões para que escrevessem o seu Estado de origem e ainda indicassem com uma seta a saída de tal Estado para Brasília (Centro-Oeste) permitindo uma noção de espaço. Foi interessante que muitos

achavam que para sair de um Estado para outro deveriam seguir as linhas divisórias do mapa.

Por já ter mencionado que apesar do enorme fluxo migratório para as grandes capitais, estas não terão capacidade suficiente para comportar esta grande demanda gerando muitos trabalhos informais. Assim pedi que fizessem uma pesquisa do que se trata o trabalho informal, tema da nossa próxima aula e terminassem de preencher os nomes dos Estados restantes no mapa.

7 – Trabalho informal X Trabalho formal

Resumo:

São dois tópicos que se contrapõem, onde o trabalho formal tem enorme relevância no olhar do Estado que reconhece, este grupo de trabalhadores como os que impulsionam a economia do país. Sendo esta uma realidade diferente do que encontramos na prática, apresentando um enorme conjunto de trabalhadores, na sua maioria autônomos, que dependem para a sua expansão, das atividades dinâmicas de uma economia capitalista. Quando o emprego e a renda do setor dinâmico se expandem com ampliação dos salários na renda, abre-se espaço para uma melhor inserção ocupacional dos trabalhadores por conta própria e vinculados a pequenos empreendimentos. Assim dois motivos são apresentados para o aumento do trabalho informal a serem refletidos: por uma sobrevivência face a perda da ocupação formal ou por opção de trabalhadores em querer desenvolver o seu próprio negócio?

Num enfoque do modo de produção Capitalista temos o Trabalho formal mantendo e perpetuando a proposta de tal sistema. O indivíduo no papel de trabalhador somente tem sua força de trabalho para oferecer e sendo o único meio de sobrevivência onde o salário recebido jamais representou realmente o valor de seu esforço, diferentemente daqueles que são os detentores dos meios de produção, exploradores de tal mão-de-obra visando exclusivamente o lucro.

Podemos observar a re-significação do trabalho a partir do Capitalismo que é o esforço físico diferenciando do emprego que é uma relação estável, duradoura ou não, que existe entre quem organiza o trabalho e quem realiza o trabalho.

Objetivos:

- Apresentar diferença entre Trabalho formal e informal;
- Introdução ao modo de produção Capitalista;
- Mostrar visão do Estado diante do tema

Material:

- Definição de Trabalho formal, precarizado e informal, impresso (conforme anexo);
- Tópicos, no quadro: Trabalho formal X Trabalho informal; vantagens; desvantagens; Estado

Metodologia:

Num primeiro momento questionar aos alunos o que entendem sobre Trabalho formal e informal apresentando a definição, por escrito, depois discutir sobre o assunto usando dos exemplos, e os empregos dos próprios alunos.

Serão usados os tópicos como norteadores da discussão até a uma pequena introdução sobre em que consiste o Sistema Capitalista.

Resultado da intervenção:

Depois de colocados os tópicos, no quadro, perguntei a eles o que sabiam sobre Trabalho formal e informal. Observei através das respostas que tinham uma compreensão sobre o assunto, alguns deram exemplo de camelôs para o Trabalho informal, assim foi norteando a discussão tratando das vantagens e desvantagens e principalmente a visão do Estado que reconhece o Trabalho formal onde os trabalhadores têm seus direitos garantidos e certa estabilidade e um enorme crescimento do Trabalho informal face a uma sobrevivência devido à perda da ocupação formal. Após uma pequena explanação distribuí uma folha com as definições do Trabalho formal e informal e ainda sobre precarizado mostrando um ponto de vista a partir da precariedade da ocupação. Num enfoque no trabalho formal norteiei a explicação para o sistema Capitalista mostrando que a relação empregado e empregador mantém tal sistema sendo denominada por Trabalho

formal. Percebi uma dificuldade para que de fato compreendessem tal sistema em que vivemos, mas depois com exemplos observei um nítido entendimento sobre o assunto. Ainda voltando no tempo mostrei como era o trabalho e indiretamente dando a diferença entre o emprego e o trabalho, assim comentando sobre a Revolução Industrial, período em que se iniciam as concepções para o Sistema Capitalista perdurando até os dias de hoje. Pedi que procurassem sobre Revolução Industrial, pois seria passado um filme sobre na próxima intervenção

Na próxima intervenção houve um evento na escola em relação a um programa (Momento Cultural) que trata de certo tema a ser trabalhado nas salas de aula e em toda a escola como esta apresentação, da 4ª série da EJA, que tratou sobre o Trabalho, pois havia um mês que devido o Dia do Trabalhador deveriam ser feitas atividades com este enfoque. Ainda tratou, nesta apresentação, sobre o racismo, conforme roteiro anexo.

8 – Revolução Industrial; Sistema Capitalista

Resumo:

No período da Revolução Industrial inicia-se um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. A era agrícola foi superada e a máquina foi suplantando o trabalho humano, uma nova relação entre capital e trabalho se impôs e novas relações entre nações se estabeleceram. Essa transformação foi possível devido a uma combinação de fatores, como o liberalismo econômico, a acumulação de capital e uma série de invenções, tais como o motor a vapor. O capitalismo tornou-se o sistema econômico vigente.

Com a Revolução Industrial os trabalhadores perderam o controle do processo produtivo, uma vez que passaram a trabalhar para um patrão (na qualidade de empregados ou operários), perdendo a posse da matéria-prima, do produto final e do lucro. Esses trabalhadores passaram a controlar máquinas que pertenciam aos donos dos meios de produção os quais passaram a receber todos os lucros.

O Capitalismo é um sistema sócio-econômico, político e social adotado pela grande maioria dos países e das sociedades humanas, onde possuem propriedades privadas dos meios de produção, no qual os agentes econômicos (empresários),

proprietários dos meios de produção permitem que esta produção seja comercializada num mercado, onde as transações são de natureza monetária.

O sistema capitalista separa capital de trabalho e cujas relações são de dominação e exploração. Comumente definido como um sistema de organização de sociedade baseado na propriedade privada dos meios de produção e propriedade intelectual, e na liberdade de contrato sobre estes bens (livre-mercado). Todos com a intenção de satisfazer suas necessidades e sujeitas a estas condições tendem a dirigir seus esforços para uma acumulação de capital como uma moeda de troca possibilitando adquirir serviços e produtos. O capital, por sua vez, pode ser adquirido, expandido basicamente pelo trabalho produtivo e o comércio.

Objetivos:

- Mostrar como se originou o sistema Capitalista;
- Definir a Revolução Industrial;

Material:

- Um vídeo sobre a Revolução Industrial e partes do filme “Tempos Modernos” (Charles Chaplin);
- Uma questão pedindo para dizer o que entenderam sobre Revolução Industrial (conforme anexo);
- Três cartolinas e revistas que tragam fotos que de alguma forma retrate o sistema Capitalista

Metodologia:

Será passado o vídeo para que tenham um melhor entendimento sobre o assunto, responder sobre o que entenderam da Revolução Industrial e em seguida uma pequena discussão sobre o vídeo, quais conclusões tiraram.

Formarão três grupos e as revistas serão distribuídas para que encontrem figuras retratando o sistema Capitalista assim recortando-as e colocando nos cartazes para posterior exposição na sala de aula.

Resultado da intervenção:

Houve alguns contratemplos. No dia programado para passar o vídeo não foi possível, pois a escola tinha se desfeito do único vídeo cassete. Desta forma, comentei um pouco sobre o tema onde um dos alunos deu um exemplo muito cabível, do sapateiro que antes produzia quatro pares de sapatos por dia e hoje com a máquina a produção aumentou em larga escala. Pedi que, em casa, pesquisassem sobre Revolução Industrial. Na aula seguinte levei um vídeo elaborado por mim onde coloquei um vídeo tratando sobre a Revolução Industrial e outro com partes importantes do filme “Tempos Modernos” que retratam bem o sistema Capitalista. Perdemos um bom tempo tentando ligar a televisão com o DVD mas apesar do atraso conseguimos passar o filme, faltando a parte final pois já estava muito tarde, o horário da aula havia terminado. Distribui a atividade e pedi que passassem também para os faltosos e se possível dissessem aos outros o que foi passado no vídeo. Na intervenção seguinte passei novamente o filme, durante o intervalo até começar o segundo tempo, todos assistiram sem se importar com o horário, além de se divertirem muito com o filme de Charles Chaplin puderam compreender facilmente a mensagem passada. Discutimos sobre o vídeo e alunos expuseram sua compreensão sobre o tema.

Distribui as cartolinas formando três grupos e foi encontrando nas revistas todas as figuras que retratassem o trabalho, o sistema Capitalista. Observei que recortavam muitos produtos de alta tecnologia como celulares, carros.

9 – Profissões

Resumo:

Estar empregado significa ter um lugar, uma identidade na sociedade em que está inserido. O mercado não abre espaço para aqueles que não são capacitados e para os que não se adequa ao sistema capitalista que consiste na exploração do coletivo em detrimento de uma minoria.

Assim o fato de ter uma profissão lida com várias concepções como o prestígio social dado por determinada profissão, a satisfação pessoal e status de uma profissão reconhecida pela sociedade.

Objetivos:

- Identificar a satisfação pessoal dos alunos-trabalhadores com suas profissões;
- Identificar a visão que os alunos têm sobre outras profissões

Material:

- Cartões com figuras de diversas profissões (conforme anexo);
- Questões norteadoras: Você conhece essa profissão? Fale um pouco da profissão. Pontos positivos e negativos. Caso trocasse de profissão, qual profissão você escolheria? Por quê? Sonhos/desilusões – realização de sonhos através de trabalho. Carteira de Trabalho – identidade pessoal – O que isso significa pra você?

Metodologia:

Colocar num saco os cartões com as figuras e cada aluno deverá retirar um cartão. A discussão será norteada a partir das questões.

Resultado da intervenção:

Cada aluno foi escolhido, aleatoriamente, para retirar uma profissão, independente da profissão eu pedi que dissessem com a ajuda dos colegas pontos positivos e negativos da profissão retirada. A maioria havia uma facilidade de elencar vantagens da profissão e sempre voltada para uma argumentação que envolvia a segurança de um trabalho formal. Apesar de ter no saco a figura de um camelô, por exemplo, demonstrando o trabalho informal, somente foram retiradas profissões que lhe passavam a segurança de ter seus direitos respeitados e garantidos (Trabalho formal).

Foi retirado o cartão da figura da Carteira de Trabalho onde foi unânime a satisfação de todos. Muitos manifestaram a pretensão de almejar uma profissão melhor do que a presente. Tratei ainda da importância que se tem cada profissão onde todos tem o seu devido valor.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num primeiro momento gostaria de deixar registrado aqui a boa receptividade em que tive desde o momento da minha procura à escola, quando fui apresentada ao professor com que iria trabalhar e até ao primeiro contato com os alunos. Foi, realmente, um facilitador para que se iniciasse o meu trabalho de forma prazerosa e com resultados positivos. A turma da terceira série em que desempenhei este trabalho mostrou-se desde o início atenciosa e interessada na proposta que poderia estar trazendo a eles. Uma turma que posso caracterizar de mais adultos e idosos do que jovem propriamente dito, trazendo assim uma maturidade e colaborações inesperadas para cada oficina desenvolvida por mim.

Após um primeiro momento de conversa com o professor me permitiu ter um perfil da turma e colaborar para que metodologias fossem apropriadas para trabalhar com eles. Apesar de uma evidente dificuldade de aprendizado dos alunos e contratempos por tratar-se de um horário tarde (todas terças e quintas, às nove e meia) mesmo assim obtive êxito no trabalho aplicado.

Pude perceber a absorção por eles de novos conceitos tragos para a sala de aula e permitindo a eles uma visão crítica e reflexiva da sociedade em que estão inseridos, bem como, uma real compreensão do sistema dominador que é o capitalismo.

Houve entusiasmo tanto da parte dos alunos como do professor em uma possível continuação de tal projeto mas ainda percebi inquietação dos alunos e expectativa por parte do professor, uma intenção errônea dos objetivos do projeto imaginando ter somente um enfoque alfabetizador e de esforço escolar.

Apesar desta falta de sintonia a escola no geral preocupa-se de alguma forma, em trazer para o contexto da EJA o tema Trabalho, como foi desenvolvido um programa na própria escola, já mencionado neste trabalho, que propôs uma reflexão de tal tema com os processos educativos.

Observei ainda a necessidade de uma formação específica para quem nela atua e essa especificidade trata em ter espaços e tempos adequados tanto para o educando como também para o seu educador. O jovem e o adulto precisa se ver no trabalho como produtor de si mesmo e produtor de cultura e nós educadores devemos ter sempre em mente os nossos alunos jovens e adultos como pessoas em desenvolvimento.

Há muitos desafios serem enfrentados na Educação de Jovens e Adultos como a redução dos índices de evasão, pois de fato, é grande o número de alunos que continuam à margem da escola ou, dentro dela, sem aprender, ou, ainda, aprendendo, mas não sabendo o que fazer com o que aprenderam em sua etapa de escolarização, por terem sido obrigados a estudar conteúdos sem significação para suas vidas. Assim a gerência de Educação de Jovens e Adultos voltado para a realidade local, para as especificidades do aluno, pode ser fator determinante na intenção de garantir a permanência com sucesso do aluno de EJA no processo de escolarização.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRUPPA, Sonia M. Portella, Organização. *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Brasília. INEP, 2005.

IRELAND, Timothy Denis. *Alunos e alunas da EJA*. Brasília. Ministério da Educação, 2006.

FREIRE, Paulo. *Coleção Grandes Educadores*. ATTA, CD-ROM.

GalizaCig - Actualidade - O trabalho informal no Brasil.htm

8 - ANEXOS

MOMENTO CULTURAL – CED 02 / CRUZEIRO

1º SEGMENTO / EJA

Tema:

- Abolição da escravatura e o Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo.
- Dia do trabalhador

Local: Auditório

Data/Horário: 4/6/2009 às 21h

Apresentação: Alunos da 4ª série

Boa Noite.

Estamos reunidos hoje para um momento de reflexão e partilha. Os alunos da 4ª série prepararam com muito carinho uma apresentação para todos.

No dia 13 de maio comemoramos o dia da abolição da escravatura e o dia nacional de denúncia contra o racismo.

Muitas pessoas sofrem de preconceito contra sua forma ou jeito de ser: discriminação de cor, religião, por ser gordo ou magro demais, rico ou pobre. O grande desafio não está na simples aceitação das diferenças, mas em aprender a conviver com elas, respeitando o espaço do outro, pois cada um tem seu modo de ser; somos diferentes, mas também somos iguais. Portanto, relacionar-se com o outro, aceitando e respeitando às diferenças possibilita um ambiente agradável, no qual a convivência harmoniosa deve estar ligada ao bem-estar do grupo e de cada um de seus integrantes.

Assistiremos a um vídeo a respeito do preconceito racial.

Após o vídeo ler a frase -- Não há cor e nem raça para a amizade ou para o amor. Diga sim à tolerância e ao respeito às diferenças.

No dia 1º de maio comemoramos o dia do trabalhador. É um dia destinado para lembrarmos das lutas dos trabalhadores por condições melhores no desempenho de suas profissões.

Trabalho não pode ser sinônimo de estresse. É necessário aprender a gerenciar melhor seu tempo, equilibrar sua vida pessoal e profissional e escolher uma ferramenta para que seu trabalho renda e seja compensador.

Apresentaremos um acróstico e uma música para homenagear a todos os trabalhadores.

Educação na sala de aula

Educação é saber, ouvir, ter um bom relacionamento, interagir com os colegas e respeitar, principalmente os professores.

Educação é ter limites, no diálogo, responsabilidade, participação, ajudar os colegas e respeitar as ideias dos outros.

Autonomia moral, comportamento e respeito.



Aman e foi a filha

Eva medeiros de farias

Se quiseres triunfar por ter uma paterna chata
no mel. Pé mais pretendo estudar para
conquistar Ceres.



Lewards

José Sérgio

Eu sinto muito arrependido
no meu trabalho. Eu a Lore meche com
carro no trabalho.

Leijon

O meu trabalho com eu sinto muito
casando.

porque fazer 12 anos que eu trabalho
em casa de família.

Eu não gosto de trabalhar em casa de
família mais e ougento man um dia.

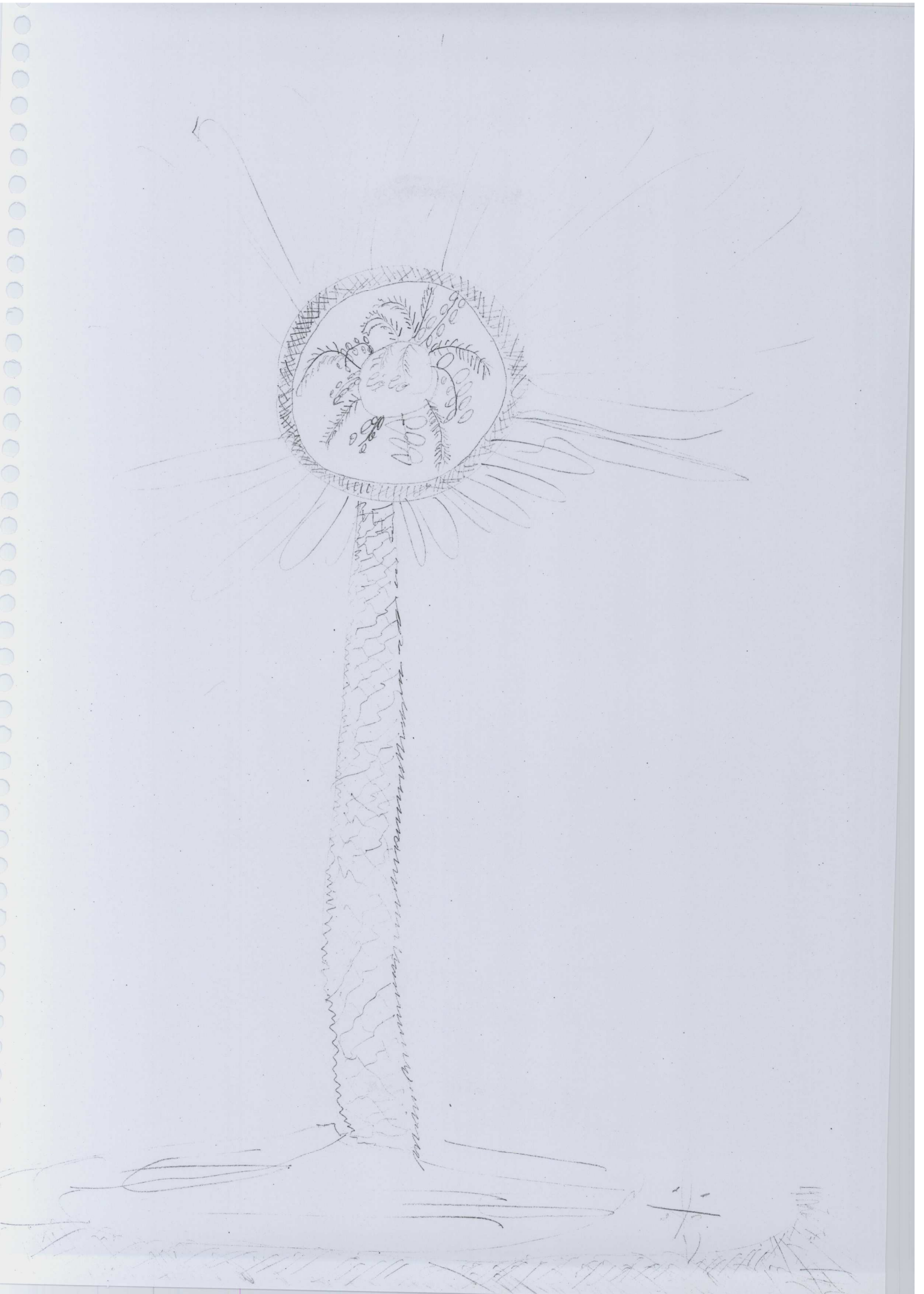


eu ficando bem no meu
trabalho porque no meu
trabalho tudo melhora
Primi age eu sou feliz
mais que na minha
Casa

Eu sinto muito bem



↓



eu me sinto realizada de ~~ter~~ ^{com} a ~~meiga~~ ^{meiga} do
propria através do meu trabalho minha casa

Ivoneite





Educação como Direito de Todos

A luta histórica tem sido para que o poder público assuma sua responsabilidade na oferta da educação básica de jovens e adultos; que universidades e sistemas públicos de ensino assumam a formação inicial e continuada de professores e educadores; que a sociedade civil, organizada nos seus movimentos e no setor empresarial seja demandante desta oferta de escolarização para jovens e adultos; que educadores e educandos se identifiquem de fato com uma modalidade do ensino fundamental e médio em sua especificidade. Todas estas ações são como que fios diferentes que tecem uma só rede: a da educação como direito, segundo tema gerador desta nossa reflexão de hoje.

Contraditoriamente, o que verificamos hoje, ainda em grande medida é uma inversão nos papéis em torno da garantia da oferta de Educação de Jovens Adultos(EJA). Não se trata aqui da defesa de uma rigidez implacável de "cada um com seu cada um", até porque sabemos que a dinâmica da EJA exige uma convivência e confluência de ações, todavia há que se pensar sobre onde esta dinâmica está nos levando. É como se nosso tecer não estivesse entrelaçado e, portanto, se desmanchasse facilmente ao puxar de uma ponta, pois as demais estão fora do lugar. Ou ainda melhor dizendo, para exemplificar, é uma super lotação no campo da execução da ação de escolarização, particularmente no campo da alfabetização como já foi dito, que todavia não tem representado concretamente a ampliação, o acesso e a permanência dos jovens e adultos na educação básica.

Analisando cada ação necessária para o alcance do objetivo da educação como Direito, veremos que há lacunas importantes a serem preenchidas. Um passo crucial na tessitura desta rede já se inicia no convencimento da educação como direito aos seus próprios sujeitos. A quem cabe mobilizar o povo senão a todos os segmentos! Como convencer o jovem de que é possível voltar para a escola que o "expulsou"? Como convencer adultos de que o processo de educação ainda faz sentido, mesmo sem estar vinculado imediatamente a melhora

nas condições de vida? O que concretamente estamos fazendo neste momento inicial que é o da mobilização para a busca do Direito?

Certamente, muito está sendo feito por todos nós, por vários dos nossos segmentos. Aqui poderia lembrar algumas estratégias do poder executivo federal, em parceria com estados e municípios, como por exemplo, o atendimento de populações específicas como juventude urbana, agricultores familiares, pescadores, apenados... Todavia cabe a pergunta: como transformar tantos projetos e programas em componentes de uma política pública sólida que ultrapasse os governos e se consolide como política de Estado? Como efetivamente e corajosamente assumir a coordenação da política pública para educação de jovens e adultos, quando herdamos uma fragmentação e pulverização de ações no interior do Ministério da Educação, nos diversos ministérios, autarquias e fundações, que se reproduzem no âmbito dos estados e municípios.

Este me parece ser ainda um grande entrave à virada conceitual no campo da **educação como direito** para jovens e adultos. Quem efetivamente “dá o tom”? Quem concretamente diz o compasso no qual esta “melodia” deve seguir? Não podemos permitir que mais uma fundação seja criada, ligada à Presidência da República, para coordenar a política da EJA como no período do MOBRAL. Não podemos admitir, como em 1996, sermos palanque de lançamento do que se tornou uma super Organização de alfabetização, respondendo pela política de EJA nacional e internacionalmente, como o Programa Alfabetização Solidária. A história está demonstrando que estas estratégias passam. O que permanece é o Ministério da Educação, órgão responsável pela coordenação da política educacional do país, portanto é nele que deve se concentrar nosso poder de força em defesa da educação como direito para todos.

FONTE:
Maria Margarida Machado, A atualidade do pensamento de Paulo Freire e as políticas de Educação de Jovens e Adultos
IX Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos
www.forumeja.org.br/pr

Nome:

Leupimor

ATIVIDADE

1-O que significa EJA?

Educação de Jovens Adultos

2-Qual o assunto principal trata o texto?

Educação com direito de todos

3-A quem cabe mobilizar o povo para a Educação?

O segmento com consciência o jovem

de que o possível no tempo para mobilizar o povo

4-Cite exemplos de ações do Poder Executivo.

5-O que é o Ministério da Educação?

Órgão administrativo da administração da
Política de educação do país portanto é nele
que deve se concentrar nosso poder de força
em defesa da educação como direito para todos

6-Qual a fonte do texto?

Maria Margarida Machado de Atalida
de pensamento de Paulo Freire e as políticas
de educação de jovens e adultos de ementas

7-O que você sugere para convencer adultos de que o processo de
educação ainda faz sentido?

Mão estuda quando é criança tem
estudo de hoje de adulto não quis
se robete tem que estudar

Nome:

José Silva Tomaz

ATIVIDADE

1-O que significa EJA?

Educação de jovens e adultos

2-Qual o assunto principal trata o texto?

Educação como Direito de Todos.

3-A quem cabe mobilizar o povo para a Educação?

servar a todos os segmentos, como convênios
Jovens de que é possível voltar para a

4-Cite exemplos de ações do Poder Executivo.

Redução de impostos com estatuto de
municípios, como por exemplo o
atendimento de

5-O que é o Ministério da Educação?

órgão responsável pela coordenação
da política
educacional do Brasil

6-Qual a fonte do texto?

Educação como Direito de Todos

7-O que você sugere para convencer adultos de que o processo de
educação ainda faz sentido?

Faz sentido de da educação

Nome: Franislina A. F. de Sousa

ATIVIDADE

1-O que significa EJA?

EJA Educação de Jovens Adultos

2-Qual o assunto principal trata o texto?

Educação como Direito de Todos

3-A quem cabe mobilizar o povo para a Educação?

Segmentos! Com a consciência jovem de

4-Cite exemplos de ações do Poder Executivo.

poder executivo federal, em parceria com
estados e municípios, como por exemplo

5-O que é o Ministério da Educação?

Ministério da Educação, nos diversos
Ministerios autarquias e fundações, que

6-Qual a fonte do texto?

Fonte:
Maria Margarida Machado, Atualidade do
pensamento de Paulo Freire e as políticas de
Educação de Jovens e Adultos

7-O que você sugere para convencer adultos de que o processo de educação ainda faz sentido?

Nome: Évelyn Medeiros de Fátima

ATIVIDADE

1-O que significa EJA?

Educação básica de jovens e adultos.

2-Qual o assunto principal trata o texto?

Educação como direito de todos.

3-A quem cabe mobilizar o povo para a Educação?

A quem cabe mobilizar o povo são os
toda os segmentos?

4-Cite exemplos de ações do Poder Executivo.

pedagogia em parceria com estados e municípios como
com exemplo a atuação da população nas escolas
como ensino Técnico profissional e agricultura familiar

5-O que é o Ministério da Educação?

órgão em plano de coordenação da política
educacional das áreas contendo a rede que deve
conter o planejamento de longo prazo da educação

6-Qual a fonte do texto?

maria margareida falando a atualidade da
conhecimento de como fazer a melhoria de
educação de jovens e adultos

7-O que você sugere para convencer adultos de que o processo de educação ainda faz sentido?

mostrar que estão se atualizando imediatamente
a melhorar as condições de vida o que constantemente
estão fazendo neste momento
inicial que se dá a educação para o futuro do cidadão

Nome: Claudia

ATIVIDADE

1-O que significa EJA?

Educação básica de jovens e adultos

2-Qual o assunto principal trata o texto?

Educação como direito de todos

3-A quem cabe mobilizar o povo para a Educação?

Como direito de todos, cabe a todos e quem cabe mobilizar o povo para isso são todos os segmentos

4-Cite exemplos de ações do Poder Executivo.

Federal em parceria com estados e municípios como por exemplo o atendimento de população indígena com ensino técnico agrícola em comunidades

5-O que é o Ministério da Educação?

órgão responsável pela coordenação da política educacional do país e de garantir que todos tenham acesso à educação básica

6-Qual a fonte do texto?

Maria Margarida Machado a atualidade do pensamento de Paulo Freire e as políticas de educação de jovens e adultos

7-O que você sugere para convencer adultos de que o processo de educação ainda faz sentido?

mesmo sem estar vinculada imediatamente a melhoria nas condições de vida e que os estudantes tenham acesso a oportunidades de educação que são da mobilização para a busca do direito

Nome: Maria Martins de Holanda

ATIVIDADE

1-O que significa EJA?

Educação para jovens e adultos

2-Qual o assunto principal trata o texto?

É assunto como direito de todos

3-A quem cabe mobilizar o povo para a Educação?

O poder executivo federal em parceria com estados e municípios.

4-Cite exemplos de ações do Poder Executivo.

EJA mobiliz ALfabetização

5-O que é o Ministério da Educação?

Ministério da Educação órgão responsável pela coordenação da política educacional do país.

6-Qual a fonte do texto?

Maria Margarida Machado.

7-O que você sugere para convencer adultos de que o processo de educação ainda faz sentido?

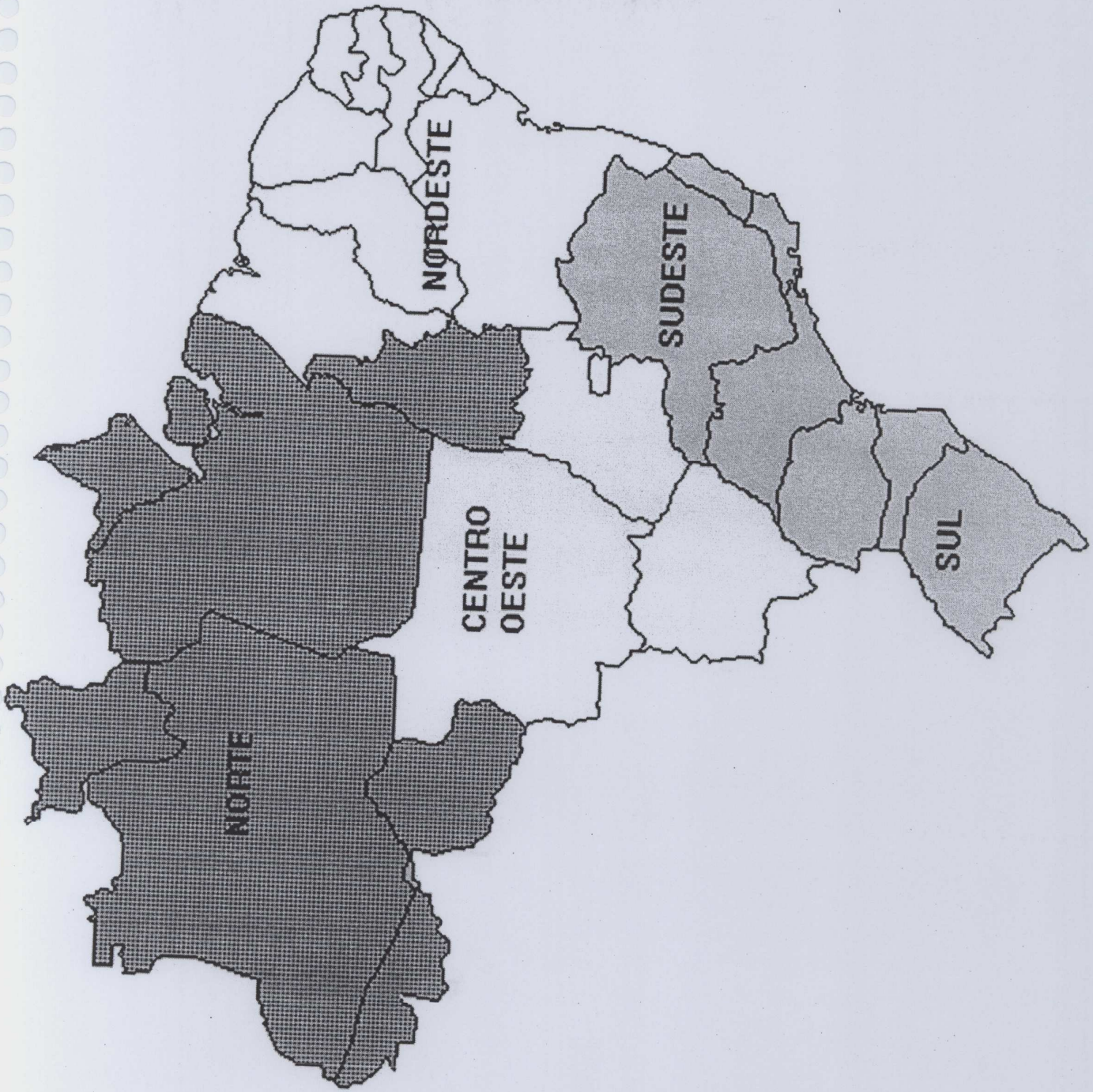
Qui estudando ela seria a perder muito mais do que ficar dentro a no letão seria ficar mais informada para o bem dela e da sociedade.

O Maranhão é o estado que apresenta o maior índice de população rural: 48,08% dos 5,3 milhões de habitantes moram no campo. A agricultura familiar e de baixo padrão tecnológico, praticada em pequenas propriedades, é predominante.

No Ceará os índices que medem a qualidade de vida são baixos quando comparados à média nacional. Levantamento da Unicef coloca os municípios cearenses de Uruoca e Barroquinha entre as dez cidades brasileiras que apresentam maior índice de crianças com menos de 5 anos desnutridas no país. A pobreza atinge quase 50% das famílias cearenses, que apresentam renda familiar de até meio salário mínimo, de acordo com pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde. Desnutrição e baixa renda mantêm altos os índices de mortalidade infantil.

Na segunda metade do século XIX, com a capital provincial já instalada em Teresina, o Piauí atravessa um longo período de relativa estabilidade política, mas também de pouco crescimento econômico. O predomínio das oligarquias é facilitado pelo isolamento do estado. O quadro não se altera muito com a implantação de uma ferrovia e de uma companhia de navegação a vapor no rio Parnaíba. A situação se mantém no período republicano. Com a economia ainda limitada à agropecuária, extensiva e pouco produtiva, e a uma pequena indústria de transformação, como a da cera de carnaúba, o Piauí permanece como um dos estados mais pobres do país.

A taxa de desemprego do Grande Recife cresceu em março deste ano em comparação com fevereiro



NORDESTE

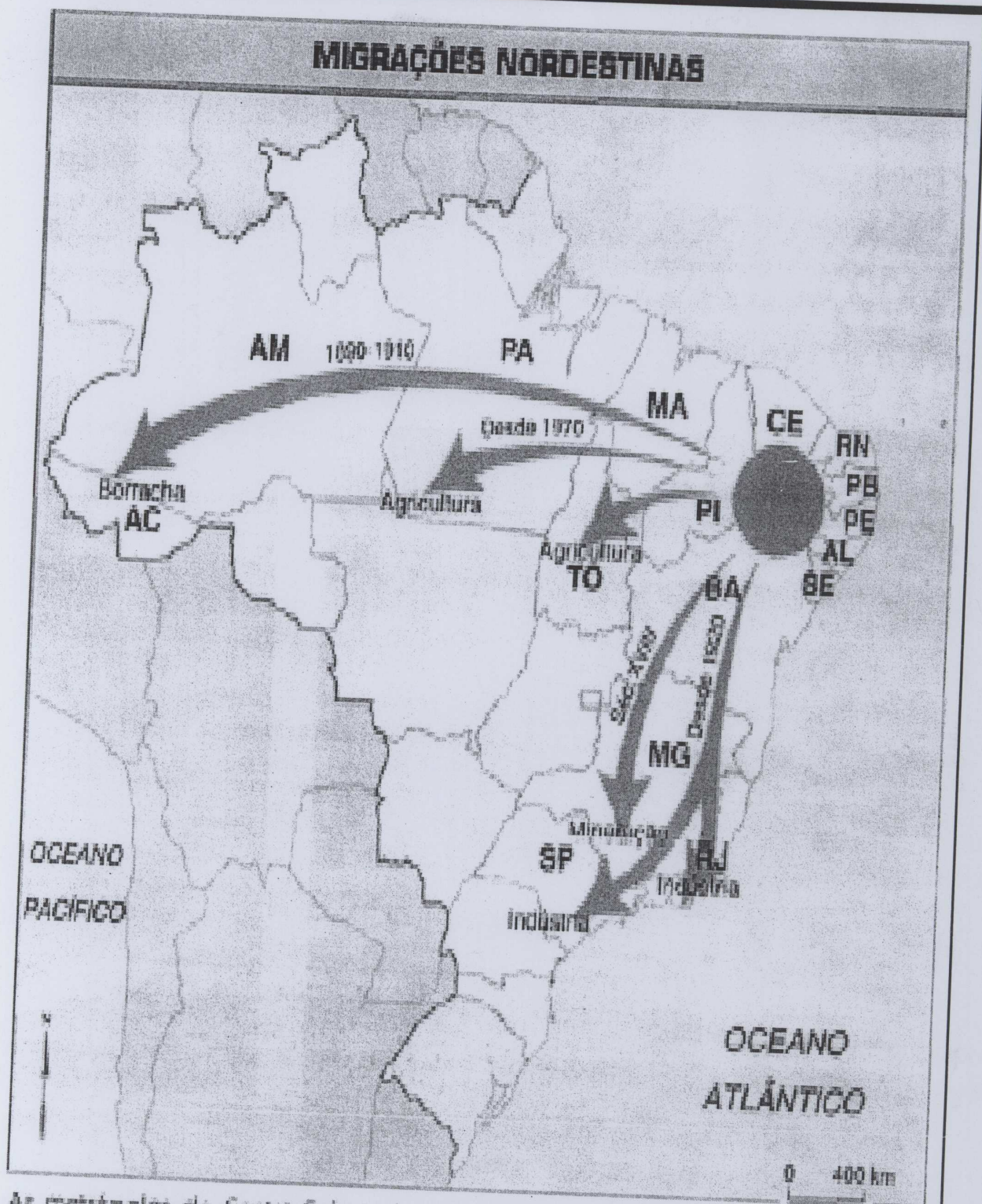
SUDESTE

**CENTRO
OESTE**

NORTE

SUL

MIGRAÇÕES NORDESTINAS



As metrópoles do Centro-Sul receberam, ao longo do tempo, a maior parte dos

TRABALHO INFORMAL

É o trabalho sem vínculos ou benefícios fornecidos por uma empresa, sem carteira assinada, renda fixa e férias pagas.

Entre os tipos de trabalhadores informais podem citar-se os camelôs, feirantes

TRABALHO PRECARIZADO

Há aqueles que definem o trabalho informal como aquele cujas atividades produtivas são executadas à margem da lei, especialmente da legislação trabalhista vigente em um determinado país. Aqui estariam os trabalhadores conta-própria, grande parte dos quais não contribui à previdência, os trabalhadores sem carteira assinada e os não-remunerados. Este ponto de vista compreende o trabalho informal a partir da precariedade da ocupação.

TRABALHO FORMAL

É o trabalho com benefícios e carteira profissional assinada. Trabalho fornecido por uma empresa

Nome: _____

O QUE VOCÊ ENTENDE DE REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, DEPOIS DE ASSISTIR O FILME?



REVOLUCAO
INDUSTRIAL

ARREBATAO